

O ABRIGO COM GRAVURAS ESQUEMÁTICAS DAS FRAGAS DA LAPA ATENOR, MIRANDA DO DOURO

Maria de Jesus Sanches *

0 — INTRODUÇÃO

O abrigo das Fragas da Lapa foi detectado, em 1984, pelo Dr. Domingos Marcos, no decurso das suas prospeções de campo com vista ao levantamento arqueológico do concelho de Miranda do Douro.

O mesmo autor, sabendo que nós estávamos a estudar o povoamento pré-histórico do *Planalto Mirandês*, teve a amabilidade de, desde logo, nos comunicar a descoberta e de nos convidar a acompanhá-lo na sua 2ª visita à estação. Visitámos ainda, mais a sul desta, uma outra, a das *Aguçadeiras*, já conhecida da população local como “fraga onde o diabo aguça as unhas” mas cujas insculpturas diferem totalmente, tanto no ponto de vista técnico como temático, daquelas da Lapa. (1)

Hoje, após a prospeção da ribeira das Veigas — no vale da qual se inserem as estações referidas —, e daquela à qual a primeira junta as suas águas, a sul do abrigo das *Aguçadeiras*, chamada a ribeira de Vale Palheiros, já cartografámos seis conjuntos de abrigos sob rocha xistosa com gravuras, os quais incluem, pelo menos, vinte fragas insculpturadas. (Fig. 1)

Trata-se, em ambos os casos, de fragas sitas nas margens de subafuentes do rio Angueira, e estamos certos de que, após a prospeção exaustiva de toda a bacia hidrográfica deste rio, prospeção essa acompanhada de um inquérito aos agricultores e pastores locais, muitos outros conjuntos poderão vir a ser reconhecidos.

O estudo que aqui vai ser exposto sobre o abrigo das Fragas da Lapa, verdadeiro santuário de arte rupestre esquemática, é ainda um estudo preliminar de levantamento, pois se trata unicamente do resultado da 1ª campanha de trabalhos nesta estação, decorrida entre 21 de Março e 12 de Abril de 1985. O mesmo estudo será continuado no próximo ano e incluirá então, por um lado, a conclusão da análise do abrigo das Fragas da Lapa e, por outro, o levantamento de todos os restantes abrigos insculpturados da ribeira das Veigas e da ribeira de Vale Palheiros, com vista a um estudo correlacionado dos mesmos.

Pretende-se assim elaborar uma bem documentada monografia deste vasto conjunto rupestre, embora o âmbito mais global do trabalho extravase esta intenção. A signatária tem como o objectivo o estudo da evolução do povoamento pré-histórico nesta pequena unidade geomorfológica e climática que é o *Planalto Mirandês* (2), onde pretende levar a cabo um estudo articulado das variadas estações pré-históricas, estudo que constitua o indicador-base das características específicas da ocupação do território nesta região transmontana durante a Pré-história recente.

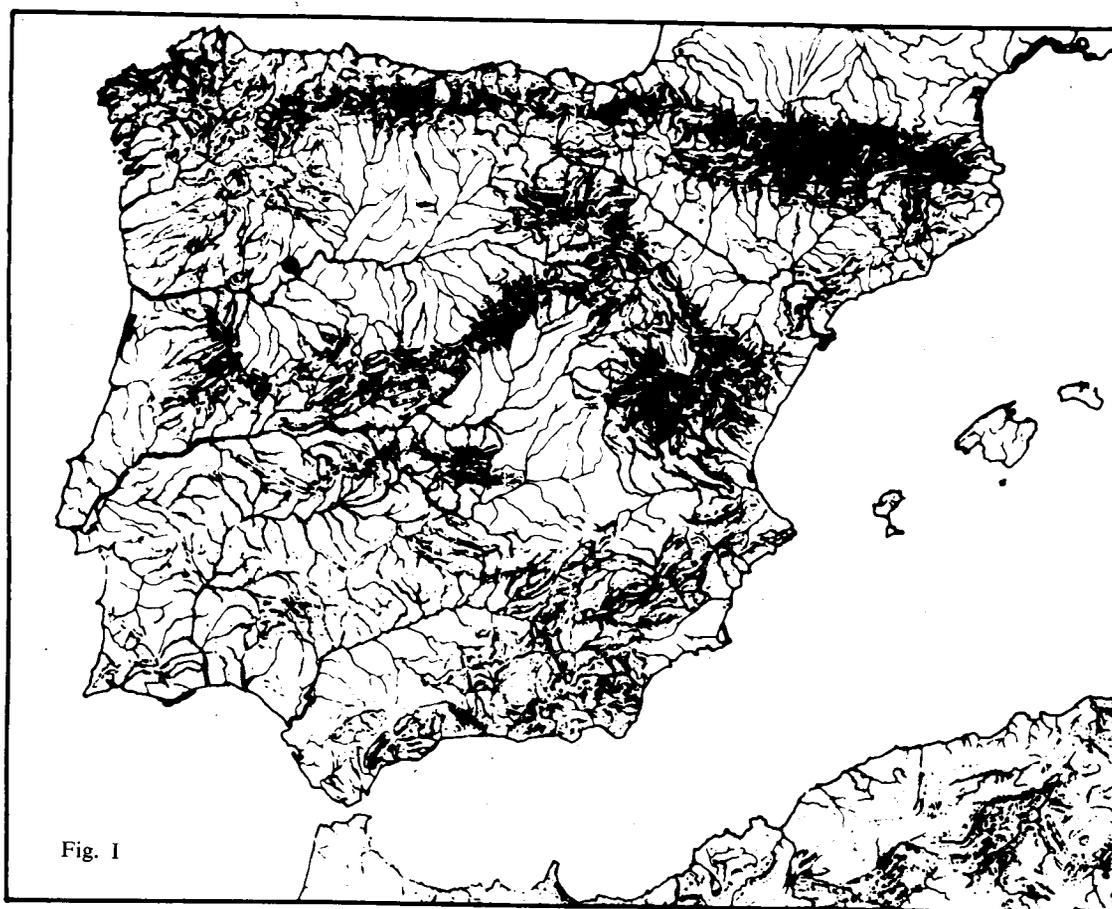
Foi ainda esta intenção que nos levou à realização de uma escavação no enchimento do abrigo das Fragas da Lapa, escavação de que damos aqui notícia também.

É de fazer notar que este trabalho foi possível graças ao apoio técnico e financeiro prestado pela Câmara Municipal de Miranda do Douro, à qual agradecemos vivamente, essencialmente na pessoa do Sr. Presidente, Dr. Júlio Meirinhos, o qual desde logo compreendeu o interesse deste estudo e nos facultou todos os meios técnicos de que a Câmara pôde dispor.

* Do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.

(1) De ambos os conjuntos — *Fragas da Lapa e Aguçadeiras* — o Dr. Domingos Marcos deu notícia na *Revista Arqueologia*, n.º 9, Junho de 1984, págs. 139 e 140.

(2) Administrativamente o *Planalto Mirandês* ocupa os concelhos de Vimioso, Miranda do Douro e Mogadouro.



Também ao Sr. vereador Almendra, conhecedor e interessado pela arqueologia da região, que prestavelmente nos acompanhou quase sempre no decurso dos trabalhos de campo, expressamos aqui a nossa gratidão. (3)

1 — LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO

O abrigo das Fragas da Lapa situa-se na freguesia de Atenor, concelho de Miranda do Douro e distrito de Bragança, no extremo Leste de Trás-os-Montes.

São as seguintes as suas coordenadas geodésicas (4):

Latitude - 41° 26' 6''N

Longitude - 2° 37' 2''E de Lisboa

Altitude - 650 m.

Para chegar ao abrigo parte-se da aldeia de Atenor para N, tomando a estrada que conduz à Teixeira. A cerca de 1,5 Km de Atenor e no momento em que a estrada se sobrepõe à ribeira das Veigas, avista-se logo, para N, junto da linha de água e na sua margem direita, um conjunto de abrigos gravados — os de *Vale de Espinheiros*.

Seguindo o mesmo curso de água em direcção à sua nascente, depara-se logo, a 400 m de Vale de Espinheiros, o *abrigo das Fragas da Lapa*. (Ests. I e XII)

(3) Agradecemos também à equipa de alunos do curso de História e da variante de Arte da Fac. de Letras do Porto e, particularmente, a Anabela Gomes Lebre do curso de Arqueologia da Fac. de Letras de Coimbra, pela colaboração prestada no campo a este trabalho.

(4) Seg. a Carta militar à esc. 1:25 000, folha 94.

O abrigo das Fragas da Lapa inscreve-se na bacia hidrográfica do rio Agueira, pois os afloramentos de xisto grauváquico que o constituem inclinam-se quase sobre as águas da ribeira das Veigas que têm aí, nesse pequeníssimo vale de altitude, uma das suas nascentes. A ribeira das Veigas, pequeno curso de água temporária, após dirigir-se para Sul (onde junta as suas águas à ribeira de Vale Palheiros), vai desaguar no rio Angueira que passa a cerca de 4,5 Km para NW da estação.

Aqui, e desde o vale do rio Angueira até ao Douro, que passa a cerca de 7 Km para E, toda a paisagem é marcada por uma certa uniformidade de relevo, por uma grande monotonia. Trata-se do peneplano Leste Transmontano onde se sucedem quase ininterruptamente, montes planálticos, muito erosionados, cujas altitudes médias variam entre os 700 e os 750 m e onde se destacam, por vezes, pequenos cabeços um pouco mais altos.

Pela base das encostas, geralmente convexas e suaves, correm pequenos cursos de água temporária em vales bastantes abertos e, num grande número de casos, ocupados por campos de cultivo hortícola ou, mais frequentemente, por lameiros de pasto.

Esta uniformidade só é cortada, a E, pelas escarpas do Douro, e a W, pelo vale apertado do rio Angueira e dos seus afluentes maiores.

Geologicamente as Fragas da Lapa inserem-se na mancha de xistos grauváquicos do Douro inferior⁽⁵⁾, datados do Precâmbrico superior terminal (ou mesmo de Câmbrio), que hoje afloram, em pequenas unidades, nas encostas ora suaves, ora mais abruptas, desta região.⁽⁶⁾

As superfícies regulares deste planalto (montes aplanados e baixos e vales de baixa altitude abertos, ou seja, de perfil suave), encontram-se por vezes cobertas de espessas camadas de sedimentos arenito-argilosos de tom avermelhado que incluem inúmeros elementos líticos rolados. Trata-se de formações de origem fluvio-lacustre, terciárias.

Os mesmos depósitos contribuem, pela sua natureza (impermeabilidade e compacticidade), para atenuar a natural erosão que nesta região, de clima seco e com grandes amplitudes térmicas, é a grande responsável pelo "descarnar" dos montes nos quais a rocha xistosa, quando não contém qualquer protecção, se fragmenta indefinidamente e espalha, de forma caótica, os seus pequenos e médios blocos pelas encostas.⁽⁷⁾

Toda a área planáltica imediatamente circundante das Fragas da Lapa — Cabeço da Cascahosa (na encosta do qual se implanta o abrigo), Cabeço de Vila, Aguçadeira e Condesinho — porque se encontra coberta desses sedimentos predominantemente argilosos, apresenta um relevo de encostas muito suaves, e é nessas encostas que, aqui e além, surgem isolados os raros afloramentos de xisto grauváquico. (Ests. I, XI-2 e XII)

2. METODOLOGIA USADA

As gravuras implantam-se nas superfícies superiores criadas pela laminagem horizontal do afloramento de xisto, viradas para cima e inclinadas ligeiramente a W, mas só visíveis se se preparar ao topo do abrigo, o que se torna bastante fácil pois a superfície destas rochas, prolonga, com um desnível quase desprezível, a da própria encosta do monte. (Ests. III e XI-2)

Fenómenos erosivos vários devem ter provocado o desprendimento de lascas da base de rocha virada a E, criando assim uma espécie de *pala* ou abrigo natural sob a rocha. (Ests. XII-1)

Este conjunto formado de afloramentos tem servido, porque intercalado num muro, para completar a divisória entre duas propriedades. (Est. II) Daí que se encontre intencionalmente coberto de vegetação rasteira (giestas, estevas) e de algumas árvores como carrascos (nome local da azinheira) e carvalhos.

Assim, a primeira operação consistiu na limpeza do afloramento, com abate de algumas árvores.

Seguidamente fez-se o levantamento topográfico, o desenho da planta do abrigo à esc. 1:50⁽⁸⁾ e iniciou-se a lavagem das fragas.

Estas encontravam-se totalmente cobertas de líquenes que se agarravam teimosamente aos sulcos das gravuras e que só o uso de um fungicida permitiu eliminar.

(5) Carta geológica esquemática de Trás-os-Montes oriental na esc. 1:200 000 e inserta na obra de António RIBEIRO, Introdução à l'étude tectonique de Trás-os-Montes Oriental, *Mem. dos Serv. Geol. de Portugal*, n.º 24 (nova série), Lisboa, 1974.

(6) Carlos TEIXEIRA e Francisco GONÇALVES, Introdução à Geologia de Portugal, INIC, Lisboa, 1980.

(7) Virgílio TABORDA, *Alto Trás-os-Montes, Estudo Geográfico*, Dissert. de doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1932.

(8) O levantamento topográfico e o desenho da planta das fragas do abrigo foi feito pelo topógrafo da Câmara Municipal, Alberto Marçal.

As gravuras apresentavam-se bastantes nítidas. No entanto, temendo que algo nos escapasse, resolvemos fazer uso do método do contraste cromático (aplicação de uma tinta de água branca e, seguidamente, passagem de um pó de carvão vegetal na superfície da rocha), de difícil aplicação neste caso, pois as chuvas de Março e Abril lavavam permanentemente os painéis. Este método permitiu-nos uma mais fácil e correcta visualização dos traços insculturados.

Todos os painéis foram fotografados antes e após a aplicação deste método e as gravuras foram desenhadas à esc. 1:1 sobre plástico polivinilo transparente.

A descrição de cada uma das gravuras atendeu à natureza do traço gravado, ao tipo de gravação, às pátinas e às sobreposições. Pretendeu-se assim perceber se este conjunto de painéis insculturados, à primeira vista organizados como um todo e assim materializado nas rochas, não seria antes o resultado de várias fases de gravação, de acrescentamentos sucessivos de motivos.

Passemos então à descrição dos painéis gravados.

3. DESCRIÇÃO DO ABRIGO GRAVADO

3.1. O abrigo

O abrigo, como já foi referido atrás, insere-se num afloramento de xisto grauváquico no qual se demarcam várias rochas mais ou menos próximas entre si mas todas "apontadas" a Nascente.

Para o observador colocado a E. do abrigo este define-se-lhe como tal (Est. XII-1) mas, para aquele situado a Sul ou a Poente, as rochas não se demarcam na paisagem, antes se *camuflam* na própria lomba descendente do monte. (Est. XI-2)

O abrigo insculturado é formado por três rochas alinhadas no sentido N-S e separadas entre si por um espaço livre que não ultrapassa os 50 cm. (Est. II)

Na sua parte superior e externa definem-se suportes naturais ou seja, superfícies sub-horizontais onde se inscrevem os vários conjuntos de gravuras.

Os painéis inclinam-se ligeiramente a Poente pois o desnível entre o topo E e a base W é de cerca de 12°. (Est. III-1 e 2)

De ressaltar aqui que todos painéis insculturados se encontram nivelados entre si pois as superfícies naturais aplanadas que os constituem, à excepção de um caso (painel 2), situam-se todas sensivelmente à mesma cota e têm a mesma inclinação.

A rocha situada no topo NNE é uniformemente plana na sua parte média e aí contém um único conjunto de gravuras que denominámos *painel 1*.

A rocha central, alargada, apresenta várias superfícies aplanadas mas descontínuas porque profundamente fissuradas — *painéis 3, 4 e 5* —, ou desniveladas — *painel 2*.

Na rocha Sul, um pouco demarcada da anterior, situa-se o *painel 6*. (Est. II)

3.2. Técnica e tipo de gravação

Todas as gravuras constantes deste abrigo foram feitas pela técnica de picotagem, talvez indirecta e executada da direita para a esquerda. São portanto gravuras litosticticas mas, adentro desta técnica, e se atendermos à profundidade e firmeza das linhas, distinguimos dois tipos de traço gravado: o tipo *a* e o tipo *b*.

Domina neste conjunto o tipo *a*. É um traçado bem nítido, nalgumas zonas bastante profundo (chega atingir 7mm), de perfil em \cup e onde se nota frequentemente, na base do sulco, o negativo do cinzel de base circular que teria sido usado na percussão.

Algumas gravuras pertencentes a este tipo encontram-se erosionadas e, como tal, o seu sulco é menos nítido e menos profundo que o das restantes.

Ao tipo *b* pertencem somente dois motivos cujo sulco, embora patinado, é bem menos profundo e menos nítido que o do tipo *a*.

3.3. Análise do complexo gravado

— *Painel 1* (Ests. II, IV e XIII-2 e 3) - Ocupa longitudinalmente toda a superfície aplanada da rocha.

Do topo para a base do painel deparamos primeiramente com um conjunto de duas linhas sinuosas, independentes entre si e que se curvam e enrolam sobre si próprias. A superior assemelha-se a um serpentiforme. A outra poderia ligar-se ao conjunto inferior, pois este 2º conjunto encontrava-se bastante erosionado e, concerteza, apagado parcialmente. (Est. XIII-3)

A não ser assim, estaríamos aqui, neste 2º conjunto, talvez perante uma figura em forma de báculo.

Acompanham esta mais duas linhas sinuosas ou ondeantes. No 3º grupo de gravuras, uma linha ondulante enrola-se sobre si própria e, um conjunto de outras do mesmo tipo, parecem emoldurá-la do seu lado esquerdo.

Na parte inferior deste conjunto desenham-se duas pequenas espirais de trajecto dextorsum, e unidas entre si por um sulco quase recto.

Já na base do painel uma outra linha ondulada assemelha-se a um serpentiforme.

Todas as gravuras referidas foram executadas com o tipo de gravação *a*.

Neste painel natural existem ainda mais dois motivos — um cruciforme e uma cóvina — mas tanto um como outro situam-se numa superfície aplanada e levemente alteada da rocha, facto que os afasta topograficamente das restantes gravuras.

O cruciforme foi executado com o tipo de gravação *b* e parece-nos estranho à composição inicial; a cóvina acompanha-o no painel, mas nesta não pudémos precisar o tipo de gravação.

— *Painel 2* (Est. VI-2) - Tem uma implantação topográfica diferente dos restantes painéis (Conf. Est. II) e afasta-se ainda daqueles pela temática e pelo tipo de gravação usada.

O único motivo que o constitui é uma pequena figura humana sub-naturalista, vista em perspectiva torcida pois vira a cabeça e os braços para o espectador enquanto o tronco e as pernas, com pés bem marcados, são mostrados de perfil.

A cabeça, subcircular, liga-se aos braços, abertos em linha recta, por uma linha que parece indicar o pescoço; o tronco tem a forma aproximadamente de um semi-círculo, estando o seu lado rectilíneo em posição oblíqua relativamente aos braços, facto que confere ao motivo um impressionante ar de figura feminina grávida. No topo superior deste “ventre” parece desenhar-se um seio visto de perfil. O tronco ou “ventre” está segmentado interiormente em oito partes.

Do lado direito deste motivo encontram-se três marcas picotadas.

Tecnicamente aproxima-se do cruciforme do painel 1 — tipo de gravação *b* — e ocupa, espacialmente, uma posição marginal em relação aos restantes painéis.

Assim, é nossa opinião que estes dois motivos pertencem a uma fase de gravação diferente dos restantes e, vista a unidade técnica, temática e compositiva presente em todos os restantes do complexo, a um momento posterior.

— *Painel 3* (Ests. II, V e XIV) - Trata-se do painel não só com a maior superfície aplanada e lisa mas também com a maior variedade de motivos.

Estes organizam-se em dois conjuntos que se dispõem longitudinalmente tal como no painel 1.

Numa área inferior e lateral ao 2º conjunto deste painel, foi gravado, numa zona alteada e aplanada da rocha, um terceiro, cuja temática e organização dos motivos parecem ligá-lo aos outros dois conjuntos. Denominamo-lo aqui conjunto 3.

No topo superior do painel associam-se duas linhas ondulantes.

Lateralmente a este existe uma perfuração alargada e profunda na rocha (1,5cm) que hesitamos em denominar cóvina.

No 2º conjunto destaca-se um motivo: uma grande figura subquadrangular, segmentada interiormente em oito partes por dois diâmetros perpendiculares entre si e por duas diagonais, encimada por uma cóvina e prolongada inferiormente por um apêndice. (Est. XIV-2)

A esta grande figura central associam-se, ou ligam-se mesmo, todos os restantes motivos do conjunto: dos dois cantos superiores saem linhas que se contorcem e amaranham em toda a superfície superior e lateral esquerda daquele motivo; uma dessas linhas, que parte do canto superior esquerdo, desce ao longo do corpo da figura, vem contornar aquilo que parece ser uma figura humana esquemática de braços erguidos e unidos e ligada ao canto inferior esquerdo, para se lhe unir depois.

Todos os motivos deste conjunto atrás referidos são profundamente gravados e, por vezes mesmo, regravados. São aliás os mais profundos e os mais nítidos de toda a estação.

Do canto superior direito da figura subquadrangular sai uma outra linha que, descendo, se une à que parte do canto inferior direito. Deste canto saem ainda duas linhas que depois se juntam numa só. Esta dirige-se para a parte inferior do painel, onde curva para cima e, à sua extremidade, liga-se uma figura subquadrangular também segmentada interiormente.

A esta linha, e no seu percurso descendente, associa-se uma outra figura subquadrangular, muito erosionada, que originalmente deveria ser segmentada também em oito partes. Outra figura menos nítida que a anterior se associa ainda àquela linha. Trata-se de uma oval, amputada lateralmente pela erosão e segmentada interiormente, agora em três partes pelo traçado de dois diâmetros perpendiculares. É encimada por uma outra oval mais pequena.

Na parte inferior do grupo profundamente gravado surgem, alinhadas verticalmente, duas figuras humanas ictifálicas, esquemáticas mas de estilo diferente.

Na superior, uma linha parte-lhe da cabeça, mal definida, e, prolongando-se verticalmente, define o tronco e o sexo que aparece bem marcado. À altura da cabeça um traço sub-horizontal desenha os braços e, um pouco mais abaixo, as pernas, esquemáticas também, são formadas por uma linha em Γ . É portanto um antropomorfo de braços rectos, cabeça mal definida e pernas arqueadas.

Na inferior, a cabeça e o pescoço estão bem demarcados e os braços, abertos mas curtos e de traço largo, fazem perpendicular com aqueles. O tronco também é definido por um traço grosso e dele saem as duas pernas, arqueadas em \cap , bem abertas e terminadas por pés longos e virados para fora.

À linha interior das pernas liga-se um sexo naturalisticamente desenhado mas desproporcionalmente grande.

O 3º conjunto estava também bastante erosionado.

Inclui uma figura subquadrangular segmentada interiormente em oito partes e dela partem cinco linhas ondulantes que se emaranham e a *emolduram*.

O tipo de técnica usado é o *a*.

— *Painel 4* (Est. VI e XV-1) - Situa-se a S. do 3, mas numa superfície alteada. Está separado daquele por duas fissuras.

Inclui, como motivos, duas (ou três?) linhas ondulantes e cujas curvaturas definem, do lado esquerdo, uma zona livre onde se inscrevem o que cremos serem dois grandes antropomorfos maximamente esquematizados em cruciformes.

Embora o traço ou sulco aqui seja bastante largo, o tipo de gravação é o *a*.

— *Painel 5* (Est. VI-4) - Segue-se ao anterior para Sul e tem duas fissuras a separá-lo daquele. Encontrava-se bastante degradado. As gravuras mal se percebiam e estavam nitidamente amputadas.

Podemos dizer que os dois conjuntos que o constituem, alinhados longitudinalmente no painel, seriam constituídos unicamente por linhas ondulantes.

Aqui também foi usado na gravação o tipo *a*.

— *Painel 6* (Est. VI-3) - O painel 6, embora com situação topográfica similar à das anteriores, afasta-se espacialmente bastantes daqueles. Entre este e o 5 interpõe-se uma superfície aplanada mas não gravada.

Aqui, no topo do painel, surge, isolado um único motivo em L, gravado segundo a técnica *a*.

4. BREVE ANÁLISE DO CONJUNTO DOS PAINÉIS

Apontemos algumas ideias decorrentes da exposição atrás feita.

As gravuras deste complexo (se exceptuarmos o cruciforme do painel 1 e o painel 2 que pertencem a outra fase de gravação certamente posterior e que, em termos de localização topográfica, se demarcam das restantes) parecem constituir um todo compositivo estruturado pois reflectem, de forma gráfica, um sistema (de ideias) que se nos afigura formalmente coerente, e isto porque nos é dado verificar várias constantes:

1. Os painéis escolhidos estão todos “apontados” a Nascente, têm aproximadamente o mesmo declive ou inclinação e as figuras situam-se, do ponto de vista topográfico, sensivelmente à mesma altura.

2. As gravuras “voltam-se” a Poente. Assim, a visualização das mesmas só é clara para o observador que sobre o afloramento, se volte a Nascente.

3. O tipo de técnica usado em todas elas é o mesmo — tipo *a*, facto que, acrescido da ausência de sobreposições, nos leva a incluí-las numa mesma fase de gravação e que aqui denominamos por fase I, anterior à II.

4. Aliás, a ausência de sobreposições pode ser significativa.

A grande composição, programada antes de inscrita na rocha (ou programada em função do espaço disponível) e que inclui todos os painéis gravados da fase I, após ser materializada, não parece ter sofrido alterações ou acrescentamentos de relevo (estamos a pensar, como excepção, especificamente no cruciforme do painel 1).

5. O painel 3 parece ser o painel central e isto no sentido mais amplo do termo. É aquele onde surge uma maior variedade de motivos gravados (seis no total), e o único que contém figuras sub-

quadrangulares (em número de quatro), uma oval e antropomorfos ictifálicos.

Este painel representa assim a síntese compositiva do santuário pois, além dos aspectos aludidos, é o único que inclui figuras esquemáticas e semi-esquemáticas.

Adentro deste refira-se a grande figura subquadrangular que domina e parece “chamar a si”, ou por ligação, ou por simples associação, todos os restantes motivos do conjunto central.

Pelas características apontadas e ainda porque, conjuntamente com as linhas ondulantes situadas à sua esquerda, é executada com traço profundo, extremamente regular e nítido (e talvez regravado nalguns pontos), podemos considerá-la a figura ou tema dominante de toda a composição.

Efectivamente, ao aglutinar no mesmo painel a maior variedade de motivos, faz deste o mais rico do complexo.

6. Todos os restantes painéis situam-se, em termos de riqueza decorativa, hierarquicamente abaixo do painel 3, pois naqueles, à medida que aumenta a distância em relação ao centro compositivo, a variedade de motivos presentes diminui.

Assim, a N, o painel 1 só contém linhas ondulantes e duas espirais e o painel 4, a S, linhas ondulantes e dois cruciformes. O painel 5, mais afastado ainda, já só contém linhas ondulantes e o 6, um pequeno sulco em forma de L.

5. AS GRAVURAS DOS ABRIGOS DE VALE DE ESPINHEIROS (Ests. I, VII, X-1, XII-2 e XIII-1)

Ainda na margem direita da ribeira das Veigas, junto da linha de água e 400m a Sul da Lapa, surge um outro conjunto de abrigos sob rocha de xisto, insculturados.

Foram aí identificadas seis rochas (ou abrigos) com gravuras esquemáticas, mas destas só duas se assemelham em tudo às do abrigo da Lapa.

As restantes, tanto pelos motivos como pela técnica (picotagem e abrasão), afastam-se bastante das anteriores. (9) Não são apresentadas aqui visto o seu levantamento estar incompleto.

Assim, nos abrigos n.ºs 3 e 4 de Vale de Espinheiros, as gravuras, feitas por picotagem tal como na Lapa, situam-se na superfícies exterior e superior aplanada na rocha.

Nestes está presente um único motivo — linhas ondulantes.

O abrigo 3 contém quatro linhas e o 4 somente uma.

Pensamos que estes abrigos, ao relacionarem-se estreitamente com o da Lapa, podem corresponder a um prolongamento para sul daquele conjunto artístico e simbólico.

6. A ESCAVAÇÃO DO ABRIGO DAS FRAGAS DA LAPA

Na base E do abrigo das Fragas da Lapa delineava-se uma plataforma com cerca de 2,5m de largura e que se estendia a todo o comprimento do abrigo. Suposémos que a mesma era artificial, pois contradizia o pendor natural e descendente do terreno limítrofe.

Foi aí implantada uma vala de sondagem de 6x2m, perpendicular à parede interna do abrigo, mas logo que retirámos a camada superficial de terra humosa misturada com lajes de xisto, percebemos que, sob esta, se definia uma estrutura artificial, constituída por um imbricado de lajes de xisto, alguns seixos rolados e terra argilosa.

(9) Este conjunto de Vale de Espinheiros e, se exceptuarmos os abrigos 3 e 4 noticiados, vem, conjuntamente com o das Aguçadeiras, da ribeira de Vale Palheiros e os das Fragas do Diabo (Vila dos Sinos — Mogadouro), acrescer o, até aqui, exíguo número de abrigos conhecidos que se encontram gravados no seu interior.

Jordá CERDÁ, em, *Algunas consideraciones sobre los problemas del arte rupestre, Portugalia*, n.ºs IV-V (Actas do Col. Inter-Univ. de Arq. do NW), Porto, 1983/4, pág. 92, refere somente dois, (embora nós saibamos que existe um terceiro — o de El Pedroso - Zamora, com variadas figuras esquemáticas: figuras subquadrangulares, antropomorfos, etc....).

Angel ESPARZA-ARROYO, El castro zamorano de El Pedroso e sus insculturas, *B.S.A.A.*, XLIII, 1977.) : o da Solhapa (Miranda do Douro) e o del Muro del Castillo (Vilvestre-Salamanca). Ambos são diferentes no tipo de suporte e na temática, pois enquanto as gravuras da Solhapa, em abrigo de granito, são feitas por picotagem e incluem essencialmente cóvinhas organizadas entre si ou com sulcos, definindo assim figuras compostas, no de Vilvestre, em xisto, embora incluindo também cóvinhas e sulcos ou riscos, estes são feitos com uma técnica diferente — abrasão ou litotriptica. Benito DEL REY, Monumento rupestre de Vilvestre (Salamanca), *Zephyrus* XXI-XXII, 1970-1971. Assim, em Vale de Espinheiros, os dois abrigos gravados no seu interior, abrigos n.ºs 1 e 5, constituem um bom paralelo para aqueles outros dois, pois incluem, num caso, cóvinhas, e noutro, cóvinhas ligadas por sulcos litotripticos e, numa outra fase, por sulcos picotados, ou seja, litosticticos.

Todos os abrigos gravados que conhecemos e nos quais a variedade temática, se exceptuarmos o de El Pedroso, não vai além daqueles motivos apontados, situam-se numa região geográfica bem definida — o peneplano da Meseta NW espanhola e o Planalto Mirandês que é separado daquele unicamente pelo vale profundo do Douro. Deve tratar-se aqui de uma manifestação artístico/cultural regionalizada.

Depois de alargada a escavação para um e outro lado desta sondagem e de escavada essa área de 40m² (que não atinge, contudo, a totalidade da plataforma, pois esta estende-se mais para Sul), deparámos com uma estrutura sub-horizontal, alargada no sentido do comprimento do abrigo (NE-SW), e cujo pendor, no sentido da largura, se iniciava a cerca de 2,5m.

Tal como se pode observar na respectiva planta (Est. VIII) a mesma, à superfície, era constituída (nas áreas onde não foi alterada pela agricultura), por lajes de xisto e alguns calhaus rolados, ambos imbricados e consolidados por terra argilosa, ou somente por terra argilosa com cascalho. Tornava-se assim evidente que, na escolha e disposição dos materiais de construção, tinha havido clara intenção de criar uma superfície sub-horizontal bem sólida. Daí que nas zonas onde a “couraça” da plataforma não contém pedras, a solidez seja conseguida pelo uso de terra argilosa com cascalho, mistura de rápida cimentação e endurecimento.

Essa “couraça” encontrava-se revolvida superficialmente nos quadrados D1 e D2, mas no C5, B5 e A5 a mesma não existia, pois os blocos aí encontrados durante a escavação dispunham-se de forma caótica e inseriam-se na fina camada de terra humosa que assentava na rocha de base.

No quadrado C3, encostada à parede do abrigo, definiu-se uma fossa de violação que, nalguns locais, não atingia a rocha de base. Ora, é precisamente essa área, que segundo pensamos originalmente já não estaria coberta de lajes, que seria fundamental para a interpretação funcional da própria plataforma.

Efectivamente a “couraça” desenha-se em semi-círculo à volta da fossa de violação sem contudo a atingir nos seus contornos.

À excepção dos quadrados D1 e D2 onde, por falta de tempo e de meios financeiros, não pudemos chegar ao solo de base, toda a restante área aberta foi totalmente escavada.

A escavação revelou, conforme se pode observar nos cortes a-b e c-d (Est. IX-1 e 2) que estávamos perante uma construção artificial, feita pela sobreposição e intercalamento de sedimentos diferentes trazidos do exterior.

Nota-se assim que, com a 1ª camada de base (camada 5, no corte a-b e 4, no c-d) que é uma terra argilosa castanha escura, compacta e que inclui muito cascalho, se pretendeu, desde logo, contradizer o pendor natural do terreno, nivelando-o parcialmente. Na mesma ainda se inserem, na periferia da plataforma, lajes de tamanho médio, que impediriam o resvalar das terras aí colocadas (conf. planta geral e cortes estratigráficos).

Sobre esta dispõe-se outra (ou outras), também de terra argilosa, que inserem a estrutura imbricada de pedras, esta por vezes de grande espessura.

De notar que sob esta estrutura pétrica se situa uma grande mancha de terra queimada nos quadrados C3, D3 (nestes bordeja a fossa de violação), D4, C4, e D5. No C5 define-se uma pequena estrutura de combustão isolada. A mesma continha alguns raros e pequeníssimos carvões.

A deduzir pela estratigrafia, ou esta terra queimada foi trazida do exterior tal como as restantes da plataforma, ou então resultaria da feitura de fogueiras no local no decurso da construção da mesma.

6.1. *Material arqueológico exumado*

É raro e extremamente pobre o material recolhido. Façamos a sua curta relação:

— Inúmeros seixos rolados de pequeno e médio tamanho, que ora apareciam inseridos na “couraça pétrica” ora na terra argilosa. Podem perfeitamente provir das imediações da estação, onde abundam em espessas acumulações de sedimentos argilosos.

— Alguns percutores sob seixo rolado de quartzo e com claras marcas de uso, como é exemplo do da Est. XI-1 (provenientes da “couraça pétrica” ou da terra argilosa da plataforma).

— Grandes núcleos de quartzo com marcas ou negativos de extracção de lascas (provenientes essencialmente da terra queimada da plataforma).

— Uma parte móvel de mó manual de granito (incluída na “couraça pétrica”).

— Laje de xisto contendo uma pequena concavidade na sua parte média e que parece ser uma parte dormente de pequena mó manual (proveniente duma concentração de terra queimada no D5).

— Lascas residuais de talhe, em quartzo leitoso ou hialino (provenientes da estrutura pétrica e da terra argilosa).

— Fragmento de cristal de quartzo hialino retocado na sua extremidade distal (proveniente da estrutura pétrica).

— 4 lascas de quartzo leitoso, resultantes de talhe mas não retocadas. Poderiam ter funcionado, se atendermos ao seu gume cortante, como raspadores laterais convexos (provêm da terra argilosa contígua à fossa de violação, no C3).

— Pequeno raspador lateral sobre lasca de quartzo leitoso, de gume irregular cortante, com marcas de uso, mas não retocado (provém da fossa de violação no C3). (Est. X-2, n° 2)

— Raspador sobre lasca de quartzo hialino, não retocado (provém da estrutura pétrica). (Est. X-2, n° 3)

— Pequeno fragmento de lâmina ou lasca laminar de quartzo hialino, de secção triangular e com retoque unifacial directo e oblíquo (provém da estrutura de combustão do C5). (Est. X-2, n° 4)

— Grande raspador lateral, subtriangular, sobre lasca de xisto. O seu gume é irregular e o retoque, abrupto e directo, concentra-se lateralmente na parte média do gume (provém da terra argilosa do D4) (Est. X-2, n° 1).

Foram ainda exumados oito fragmentos cerâmicos. Destes, 4 provêm da superfície da estrutura pétrica, 2 incluíam-se naquela e os restantes foram retirados da terra argilosa com cascalho do D4.

São pequenos fragmentos de cerâmica manual lisa, que não permitem reconstituir qualquer forma.

Nas pastas diferem bastante entre si. Distinguimos 5 tipos:

1 - de cor castanha clara, de pasta homogénea, bem cozida mas grosseira, pois o desengordurante é constituído essencialmente por mica e grãos de quartzo de médio calibre. Superfície alisada (2 fragmentos);

2 - de cor castanha escura no interior e castanha avermelhada no exterior, bem cozida, de pasta compacta e desengordurante fino. Superfície alisada, (2 fragmentos);

3 - similar à anterior mas de desengordurante mais grosseiro, (1 fragmento);

4 - de cor avermelhada, de paredes muito finas, pasta compacta, mas com desengordurante essencialmente constituído por grãos de quartzo. Superfície alisada mas muito irregular, (1 fragmento);

5 - de paredes mais grossas que as restantes (tem 12mm), bem cozida, compacta e de pasta similar ao tipo 2. Tem o núcleo castanho escuro e as superfícies exteriores avermelhadas, pois nela foi usado um engobe vermelho. A superfície é alisada, (2 fragmentos).

Foram ainda recolhidas da periferia da fossa de violação, mas incluídos na estrutura pétrica, 4 amostras de material ósseo que se encontram em curso de análise para identificação das espécies zoológicas presentes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afigura-se-nos bastante difícil o balizamento cronológico-cultural desta estação pré-histórica, já pela sua especificidade, já porque ela se insere numa região geográfica de Trás-os-Montes, o Leste Transmontano, onde a investigação arqueológica pré-histórica sistemática só agora dá os primeiros passos com trabalhos levados a cabo por arqueólogos ligados aos Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte⁽¹⁰⁾ e pela signatária.

Além disso, o estudo de estações de arte rupestre de ar livre, salvo raríssimas excepções⁽¹¹⁾, não tem conjugado, sempre que possível, o estudo das gravuras com escavações nos locais, facto que, infelizmente e em nosso entender, contribui, conjuntamente com os levantamentos incompletos de estações de arte rupestre de há muito conhecidas, para criar um certo impasse na investigação.

A escavação do abrigo das Fragas da Lapa, ainda que inacabada, parece desde já sugerir que a plataforma sub-horizontal, intencionalmente construída e na qual se inserem materiais pré-históricos, se correlaciona com o abrigo gravado. Daí que nos inclinemos para considerar como um *santuário* o todo constituído pelos painéis gravados e pelas estruturas sob o abrigo.

Efectivamente a mesma estrutura estende-se longitudinalmente encostada à base da rocha e, além de outras funções que por ora nos escapam, deve ter tido a de criar uma superfície aplanada e firme (porque feita com lajes imbricadas e consolidadas com argila branca ou somente com argila dura misturada com cascalho fino) subjacentemente aos painéis gravados.

É certo que o seu estudo arqueológico poucas indicações fornece, pois aquela plataforma intencionalmente soerguida, além de violada numa zona em que o imbricado de pedras se interrompe naturalmente e que consideramos teria sido uma das áreas fundamentais da estação, forne-

⁽¹⁰⁾ Nomeadamente pelo Dr. Domingos Marcos que efectuou os levantamentos arqueológicos dos concelhos de Vimioso, Miranda do Douro, Mogadouro e Freixo de Espada à Cinta, pelo Dr. Nelson Rebanda que dirigiu uma equipa de estudantes no levantamento arqueológico do concelho de Moncorvo, e pelo Dr. Mário Brito que procede, de momento, ao estudo arqueológico das grutas de Sto. Adrião em Miranda do Douro.

⁽¹¹⁾ São excepção por ex.: as escavações feitas na estação rupestre paleolítica de Mazouco, Freixo de Espada à Cinta; na

ceu um exíguo material arqueológico, atípico, e sobre o qual levantamos mesmo a hipótese de ter vindo do exterior, incluído nas terras trazidas para a construção daquela estrutura.

E isto porque, frente ao abrigo e já no vale imediatamente contíguo ao leito da ribeira (que aqui, por só ter um fino caudal durante o Inverno e a Primavera, foi afastado da propriedade por um muro), deparámos com manchas de terra argilosa esbranquiçada, similar à dum estrato que compõe a plataforma, podendo portanto aquela ser originária daqui. Ora neste terreno recolhemos algumas peças de quartzo atípicas e o Dr. Domingos Marcos, na prospeção que o levaria à descoberta do abrigo, encontrara também aí um machado polido.

Torna-se difícil escavar esse terreno, pois além de no Inverno e Primavera se encontrar permanentemente alagado, tem sido arroteado profundamente para cultivo.

No entanto é possível que uma prospeção mais sistemática no local possa conduzir à detecção de estruturas de habitat.

A estrutura de combustão e as terras queimadas inseridas na plataforma não forneceram carvões em quantidade suficiente para datação pelo C14 e as cerâmicas, lisas e sem formas reconstituíveis, distanciam-se, em termos de pastas e de fabrico, daquelas que conhecemos de estações de ar livre do Planalto Mirandês — povoados do Cunho, do Barrocal Alto e de Penas Róias (estas últimas só conhecidas através de prospeções de superfície) —, facto que impede qualquer associação com aquelas.

Num artigo recente Francisco Sande Lemos e Domingos Marcos publicaram os abrigos das Fragas do Diabo (Vila dos Sinos - Mogadouro)⁽¹²⁾, abrigos com gravuras esquemáticas lineares (similares àquelas presentes na quase totalidade dos restantes abrigos da ribeira das Veigas e da ribeira do Vale Palheiros) e num dos quais, o abrigo 5, fizeram uma pequena sondagem, onde detectaram duas manchas de terra queimada com carvões fragmentados que os mesmos dizem poderem pertencer a lareiras de “feição tosca”. E apesar de o material aí exumado — peças de quartzo atípicas, pequenos fragmentos de cerâmica manual e um fragmento da parede do abrigo com vestígios de gravura (o que parece comprovar a contemporaneidade do abrigo e das estruturas) — não ter sido descrito em pormenor na publicação, julgamos que, na globalidade, se poderá pôr em relação com o abrigo da Lapa.

Não podemos obviamente dar um grande peso a este eventual paralelismo pois por um lado o estudo dos abrigos das Fragas do Diabo encontra-se incompleto e, por outro, ainda não pudémos estabelecer uma correlação estreita (além da geográfica e topográfica) entre a estação rupestre da Lapa e as restantes situadas nas proximidades, e que contém como atrás referimos, gravuras em tudo semelhantes às Fragas do Diabo.

Por seu lado, o conjunto estruturados de motivos gravados nas fragas do abrigo também não é de apreciação fácil, pois o mesmo exhibe uma combinação de temas pouco comum na arte rupestre de ar livre peninsular.

Destacam-se primeiramente as figuras subquadrangulares, presentes unicamente no painel 3 onde, por força do grande motivo central, parecem constituir o tema mais importante. Este tema, na arte rupestre de ar livre do NW peninsular só tem paralelo imediato numa figura que surge, isolada numa rocha, na estação de *o Estripeiro* (Valadares-Vigo)⁽¹³⁾.

É certo que em conjuntos artísticos de ar livre do NW peninsular surgem frequentemente figuras quadrangulares ou rectangulares como corpo segmentado interiormente por várias linhas perpendiculares e, por vezes, encimadas por uma cóvina⁽¹⁴⁾.

necrópole de cistas com «tumulus» contíguas à estação rupestre de Vale da Casa, V. N. Foz Côa e no abrigo 5 das Fragas do Diabo, Mogadouro, já referido atrás.

⁽¹²⁾ Francisco Sande LEMOS e Domingos MARCOS, As gravuras rupestres das Fragas do Diabo (Mogadouro), *Cad. de Arq.*, série II, vol. I, Braga, 1984.

⁽¹³⁾ Embora aqui o suporte seja o granito. F. X. COSTAS GOBERNA, et al, *Petroglifos del litoral Sur de la Ría de Vigo*, Pub. del Museo Municipal «Quiñones de Leon», n.º 8, Vigo 1984.

⁽¹⁴⁾ Trata-se de conjuntos integrados pela generalidade dos autores, desde 1983 (ano em que H. Obermaier fez a sua primeira sistematização e periodização, em — Impressiones de un viaje préhistórico por Galicia, *Bol. de la Com. Prov. de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, VII, n.ºs 148, 149, 1983) no ciclo ou grupo galaico-português, conceito genericamente formulado a partir da distribuição geográfica das gravuras de ar livre (N. de Portugal, Galiza, Irlanda, Ilhas Britânicas e Canárias) e da permanência de determinados temas em todos eles.

Hoje, com a prossecução dos levantamentos de campo e com uma nova metodologia de análise, este conceito, de conotações geográficas, temáticas e cronológicas imprecisas, tem-se vindo a revelar inoperacional na caracterização das gravuras rupestres de ar livre do N. de Portugal e da Galiza. Daí que o mesmo conceito tenha sido posto em causa, por ex., por Vitor O. JORGE (em, Gravuras Portuguesas, *Actas do Colóquio sobre arte esquemática da Península Ibérica*, Salamanca, 1982, *Zephyrus*, XXXVI) e, mais recentemente, por António M. Baptista, o qual, com base na análise de várias estações de arte rupestre do N. de Portugal, definiu, adentro desta região dois grupos artísticos de temática distinta e de distribuição geográfica só parcialmente coincidente entre si. Também a cronologia apontada para estes dois grupos será diferente — António M. BAPTISTA, Arte rupestre do Norte de Portugal — uma perspectiva, *Portugalia*, n.ºs IV, V, Actos do Col. Int. Univ. de Arq. do NW, Porto, 1983. Porto

Só no litoral da Ria de Vigo surgem em treze rochas, ora isoladas, ora acompanhadas de combinações circulares, ovais, "ganchos" ou podormofos⁽¹⁵⁾.

Estes motivos quadrangulares, a atender à sistematização e periodização recentemente proposta por A.M. Baptista que os estudou na Bouça do Colado⁽¹⁶⁾ (além de outras estações), onde se demarcam da grande e primeira composição monumental (inserida pelo mesmo no grupo I da arte do NW ou seja, na I. do Bronze, talvez inicial), pertencerão ao grupo II da arte NW cujo início se poderá situar ainda no Bronze⁽¹⁷⁾.

O que se nota é que aqui, na Lapa, o motivo subquadrangular, embora associado a uma pequena oval segmentada interiormente, possui uma segmentação interior muito diferente daqueles e não ocupa, como na Bouça do Colado ou Ozão (Valença)⁽¹⁸⁾ uma posição marginal, antes é o tema central. Aliás o mesmo parece verificar-se num conjunto de arte rupestre beirã, a Pedra Riscada (ou Mestras I, II e III-Góis)⁽¹⁹⁾ onde o mesmo tema do retângulo ou quadrado, aqui de cantos arredondados, parece constituir, pela repetição e quase exclusividade, o tema dominante e, no Gião, são os motivos reticulados que "ocupam o centro da rocha, distribuindo-se, juntamente com alguns antropomorfos do tipo fi, pelo espaço operativo"⁽²⁰⁾.

Ainda no painel 3, e associados às figuras subquadrangulares, dois antropomorfos fálcos afastam-se radicalmente, do ponto de vista tipológico, daqueles do NW. Contudo, e essencialmente para aquele no qual o sexo se demarca, porque naturalisticamente desenhado e exagerado, aliás como os próprios pés, não encontramos qualquer paralelo na arte pré-histórica peninsular, seja ela megalítica, de ar livre ou em abrigos sob rocha.

O mesmo já não podemos afirmar dos dois possíveis antropomorfos presentes no painel 4.

Estes, a serem realmente antropomorfos estão altamente estilizados e têm paralelos nalgumas estações rupestres de ar livre transmontanas como por ex. em Ribalonga (Carrazeda de Anciães)⁽²¹⁾ no Tripe (Mairos)⁽²²⁾ assim como noutras do NW e, a despeito de tal tipo de motivos ter sido tema de controvérsias antigas e recentes sobre a sua respectiva cronologia, histórica ou não, neste caso os cruciformes aparecem perfeitamente integrados na composição.

Não andaremos muito longe da verdade se dissermos (aliás já na esteira de outros especialistas no assunto⁽²³⁾) que a gravura rupestre de ar livre do NW, e essencialmente a de Trás-os-Montes, aparece influenciada pela arte megalítica e pela pintura esquemática.

Efectivamente se atendermos às raízes morfológicas da globalidade dos motivos da Lapa encontramos neles uma clara filiação ora na arte megalítica ora na pintura rupestre esquemática.

Por um lado é na arte megalítica que um dos motivos, ou o motivo, mais repetitivo desta estação surge com mais insistência.

Aguardemos que novos levantamentos contribuam para uma mais precisa definição e caracterização de toda a arte de ar livre do N. de Portugal.

⁽¹⁵⁾ Op. Cit. nota 13.

⁽¹⁶⁾ António M. BAPTISTA, O complexo de Gravuras Rupestres da Bouça do Colado (Parada-Lindoso), *Minia*, ano I, n.º 4, Braga, 1981.

⁽¹⁷⁾ António M. BAPTISTA, Arte rupestre do Norte de Portugal — uma perspectiva, *Portugalia*, n.ºs IV-V, Actas do Col. Inst. Univ. de Arq. do NW, Porto, 1983.

Partindo do estudo das estações rupestres da Bouça do Colado (Parada, Lindoso), do Gião (Arcos de Valdevez), Tripe e Outeiro do Salto (Mairos), António M. Baptista definiu, adentro da arte de ar livre do N. de Portugal, dois grupos. O grupo I, de distribuição mais litoral, mais atlântica e cujos temas principais seriam os «... círculos simples ou, mais abundantemente, concêntricos, combinados ou não entre si, quase sempre com covinha no seu interior, meandros, linhas rectas e curvas, figuras proto-labíricas e labíricas, espirais e, em menor grau, algumas armas...» (pág. 73) cujas manifestações mais antigas pertenceriam talvez à Idade do Bronze inicial. Ter-se-ia, no entanto, desenrolado durante toda a Idade do Bronze. O grupo II, de distribuição mais continental, englobaria uma temática diferenciada da anterior. Aqui predominariam os antropomorfos esquemáticos; «... os motivos quadrados e rectangulares por vezes de cantos redondos, segmentados no interior por diâmetros paralelos e perpendiculares entre si...», semi-círculos com ou sem covinha central, «ganchos», linhas quebradas, etc...., e o início deste grupo deveria situar-se possivelmente no Bronze final.

⁽¹⁸⁾ Comunicação apresentada na Soc. Port. de Antropologia e Etnologia em 18.10.85 pela Dra. Ana Leite da Cunha e pelo Dr. Eduardo J. L. da Silva e intitulada «Arte rupestre no concelho de Valença».

⁽¹⁹⁾ J. de Castro NUNES e A. Nunes PEREIRA, *A Pedra Riscada* (Com. Apres. ao II Congresso Nacional de Arq. em Coimbra, 1970), Sá da Bandeira, 1974.

⁽²⁰⁾ António M. BAPTISTA, *A Arte do Gião*, *Arqueologia*, n.º 3, GEAP, Porto, 1984, pág. 61. (No texto o sublinhado é nosso.) Os quadrados ou «cantinhos» que, segundo o Dr. Celso T. da Silva, existem ainda noutras estações beirãs, mas a falta de levantamentos publicados não nos permite ajuizar da sua associação ou não com outros motivos. C. TAVARES DA SILVA, *A Arte rupestre da região do Vouga e a problemática da sua cronologia*, Com. apresentada ao Congresso *Os Portugueses e o Mundo*, Porto, Junho de 1985.

⁽²¹⁾ J. R. dos SANTOS JÚNIOR, Nova Contribuição sobre a Arte Rupestre Transmontana — Os Petroglifos de Ribalonga, sep. de *Las Ciencias*, Ano IX, n.º 2, Madrid, 1940. Similares a este e, ainda em Trás-os-Montes, são aqueles executados por picotagem sobre a pedra insculturada de Ridevides. Idem, *As gravuras litotripticas de Ridevides (Vilarica)*, *Trab. de Antropologia e Etnologia*, Vol. XIX, fasc. 2 (nova série), Porto, 1963.

⁽²²⁾ Op. cit. nota 17.

⁽²³⁾ Op. cit. nota 17. O autor expressa essa opinião na pág. 76.

Trata-se das linhas sinuosas presentes quer na pintura quer na gravura de vários dólmenes peninsulares como por ex., no da Barrosa (Âncora), no do Padrão (Vandoma-Porto), no do Carapito (Aguiar da Beira), no de Quiroga (Lugo), no de Parada de Alpériz (Lalin-Pontevedra), no de Castanheira 2 (Marin-Pontevedra), no de Zedes (Carrazeda de Ansiães), etc..

Nestes monumentos, tal como na Lapa, podem surgir isoladas ou combinadas entre si de forma diversa — por ex. formando meandro —, ou associadas a outros motivos geométricos, semi-naturalistas e semi-esquemáticos. Mesmo adentro dum mesmo dólmen podem ocorrer todas estas variantes associativas — como é o caso do dólmen de Antelas, Oliveira de Frades —, ou então só algumas delas, como acontece no dólmen do Padrão, Vandoma, Porto (onde as linhas sinuosas se associam entre si ou enquadram uma figura humana semi-esquemática)⁽²⁴⁾.

É facto já assente que em todo o Leste Transmontano se regista uma fraca densidade de monumentos megalíticos (aliás ainda em menor número do que nas vizinhas províncias espanholas de Zamora e Salamanca⁽²⁵⁾) e, destes, somente três são decorados — o de Zedes, o de Vilarinho da Castanheira (ambos em Carrazeda de Ansiães) e o da Fonte coberta da Chã de Alijó (Alijó)⁽²⁶⁾, mas esta constatação não inviabiliza a hipótese de filiação formal proposta pois, registemos que, pelo menos no Planalto Mirandês, das doze mamoaas hoje existentes, sete (três em Pena Mosqueira, três na Pena do Mocho e uma em Mural — Sanhoane, Mogadouro) não distam mais de 10 km da Lapa, inserindo-se assim estreitamente numa mesma paisagem de peneplano e comungado portanto o mesmo tipo de espaço geográfico e topográfico do abrigo em estudo.

De qualquer modo e por falta de escavações não se conhece a estrutura interna destas mamoaas nem, evidentemente, se possuem ou não câmara megalítica decorada.⁽²⁷⁾

Na pintura esquemática vamos, por outro lado, encontrar paralelos para as restantes figuras como aquelas subquadrangulares e a oval que aproximáramos dos motivos pintados do abrigo do Cachão da Rapa, também em Trás-os-Montes⁽²⁸⁾, além de outros situados em território espanhol.

Os antropomorfos semi-esquemáticos assemelham-se mais estreitamente àqueles dos abrigos pintados de Las Batuecas (e essencialmente aos do Covacho del Pallón-Salamanca)⁽²⁹⁾ e aos grupos F e H do Covachón del Puntal (Valonsadero-Soria), no alto Vale do Douro⁽³⁰⁾.

Referimos, por último, as duas pequenas espirais ligadas entre si que encontram como único paralelo peninsular outras duas localizadas num importante conjunto rupestre de ar livre, o de Monte de Eiró (Eiró I), Penha Longa, Marco de Canaveses.

É interessante fazer notar que aqui em Eiró, à semelhança da Lapa, o motivo dominante parece ser constituído por linhas ondulantes. No prolongamento destas surgem, por vezes, pequenas espirais.

Ainda em Eiró II verificamos a presença de três figuras quadrangulares segmentadas interiormente, talvez associadas às linhas ondulantes, mas nunca ligadas a elas.

Carecemos, no entanto, de elementos que nos indiquem se se trata de uma única composição.⁽³¹⁾

⁽²⁴⁾ Elisabeth SHEE, *The Megalithic Art of Western Europe*, Clarendon Press, Oxford, 1981. Os mesmos motivos surgem até em gravuras megalíticas da Bretanha como em Mané Kerioned B (Carnac), Petit Mont (Arzon), Kermaillard (Sarzeau) e menir do Manio (Carnac).

⁽²⁵⁾ Nas províncias de Zamora e Salamanca não temos notícia de quaisquer monumentos pintados ou gravados mas somente do aparecimento de duas placas de xisto com gravuras no dólmen de Galisancho. Manuel de SATONJA, *El Fenómeno Megalítico em el SO de la region del Duero, Portugalia*, n.º IV-V, Actas do Col. Inter-Univ de Arq. do NW, Porto, 1983.

⁽²⁶⁾ J. R. dos SANTOS JÚNIOR, *Arte rupestre, 1.º Cong. do Mundo Port.*, Vol. I, 1940.

⁽²⁷⁾ Aquando da revisão das provas deste artigo já possuíamos alguns dados sobre o megalitismo do Planalto Mirandês pois no decurso do mês de Setembro de 1986 havíamos escavado a mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane - Mogadouro. Em primeiro lugar anotemos que a maioria destas mamoaas do Planalto parece nunca ter tido câmara megalítica pois, à excepção de duas, não registámos à superfície, vestígios de esteios partidos ou *in situ*; em segundo lugar aquela escavada revelou um enterramento intacto, feito sobre solo argiloso de base — enterramento primário sem câmara megalítica —, e o qual, além de outro espólio, forneceu 3 pequenas estelas com vestígios de pintura a ocre vermelho. Na única que conseguimos, até à data, limpar completamente, só se distingue uma provável figura humana esquemática. Sobre esta mamoa ver, Maria de Jesus SANCHES, A mamoa 3 de Pena Mosqueira — Sanhoane, Mogadouro, *Arqueologia*, 15, Porto, 1987 (no prelo).

⁽²⁸⁾ J. R. dos SANTOS JÚNIOR, As pinturas Pré-Históricas do Cachão da Rapa, *Trab. de Antropologia e Etnologia*, vol. VI, Porto, 1983.

⁽²⁹⁾ Julien BEGARES, Nuevas Pinturas en las Batuecas; El covacho del Pallón, *Zephyrus*, t. XXV, 1974

⁽³⁰⁾ Alfredo JIMERO MARTINEZ *et al.*, En torno al «triskeles» del «Covachón del Puntal» (Valonsadero, Soria) y la cronología de la pintura esquemática del Alto Duero, *Zephyrus*, t. XXXVI, 1983.

⁽³¹⁾ Domingos de P. BRANDÃO, Insculturas do Monte Eiró, Penha Longa (Marco de Canaveses), *Lucerna*, vol. I, n.º 2. Porto, 1961.

As espirais, embora ausentes da arte megalítica peninsular (mas não totalmente da pintura esquemática⁽³²⁾), seg. A. M. Baptista, parecem ser o motivo mais antigo da arte do vale do Tejo (conjuntamente com os cervídeos subnaturalistas e outros zoomorfos) onde, aliás, acompanham todas as fases de gravação subsequentes⁽³³⁾, assim como o desenrolar da arte do NW⁽³⁴⁾.

Sendo assim, esta dupla espiral, embora não constitua um claro indicador cronológico, pode, aqui na Lapa, ser também o reflexo de influências externas definíveis adentro da pintura esquemática ou das gravuras de ar livre referidas atrás.

Uma cronologia para este abrigo poderá vir a ser proporcionada através da datação pelo C14 da matéria orgânica carbonizada que talvez se obtenha na próxima campanha de escavações. No entanto e para já, façamos um breve balanço das cronologias mais recentemente propostas para estações ou grupos de estações que mais estreitamente se relacionam com esta.

Assim, a atender a A. M. Baptista, sem dúvida um dos maiores investigadores da arte rupestre no nosso país, a presença de motivos rectangulares, ovais e antropomorfos esquemáticos de tipo cruciforme, colocar-nos-ia perante uma estação daquilo que ele chama o Grupo II da arte do NW, grupo de expressão mais continental ou menos atlântica que o Grupo I, e cujo «arranque» cronológico se situaria possivelmente no Bronze final, mas que se teria prolongado posteriormente pela Idade do Ferro.⁽³⁵⁾

Para a cronologia da pintura esquemática no vale do Douro recentemente Delibes de Castro propôs, com base no estudo comparado das inculturas do abrigo de El Pedroso — Zamora (ancoriformes, retículas, cruces, mãos, etc.) com as de Salamanca (Las Batuecas), de Segóvia (Solapo del Aguila) e Soria (Valonsadero) e no das cerâmicas presentes no castro calcolítico de El Pedroso (onde se insere o abrigo com o mesmo nome), uma cronologia adentro do início do Calcolítico do Oeste da Meseta Norte.

A cronologia absoluta deste período seria dada por três datações radiocarbónicas da estação de Las Pozas e as quais se escalonam entre 2475 e 2125 a.C.

O mesmo autor admite contudo uma origem mais antiga para esta arte assim como uma larga perduração da mesma até, pelo menos, à Idade do Ferro.⁽³⁶⁾

Por tudo aquilo que acabamos de expor fácil é concluir que se torna prematuro e inconsistente o apontar dum contexto cultural ou duma cronologia para o abrigo da Lapa pois, em nosso entender, a análise feita, motivo a motivo, relega para segundo plano a abordagem global do todo compositivo, da grande composição única que ela é. Essa grande composição, ao mostrar-se absolutamente original na associação dos seus temas (linhas ondulantes com figuras subquadrangulares, com antropomorfos semi-esquemáticos fálicos, com possíveis antropomorfos simples ou com espirais), complica qualquer hipótese comparativa formal.

Julgamos no entanto (e já o deixamos perceber pela exposição atrás feita) que o mesmo, na confluência geográfica da *arte clássica do NW* e da pintura rupestre esquemática mas onde o megalitismo tem fraca expressão, parece assimilar, mesmo assim, mais estreitamente os motivos contidos nestas duas últimas manifestações artísticas.

E, como manifestação artístico/religiosa original do interior de Trás-os-Montes, parece comportar-se, em certa medida, como os povoados pré-históricos conhecidos no Planalto Mirandês (e ainda como os zamorenhos e salamantinos da mesma época), nos quais, e ao nível dos materiais arqueológicos, se nota que as influências externas, embora se façam sentir, são sempre reorganizadas localmente segundo um padrão regional muito próprio.

Ainda numa mesma linha de pensamento e apesar de não nos podermos referir aqui também a uma cronologia precisa, será de apontar como exemplos duma manifestação artística bem regionalizada, os abrigos de xisto gravados no seu interior com côvinhas e sinais lineares, exclusivos do Leste Transmontano e da contingua província de Salamanca.⁽³⁷⁾

(32) Realmente, na pintura esquemática, as espirais podem ser consideradas um motivo quase excepcional. Mesmo assim surgem, por ex., nos vizinhos abrigos de Palla Rubia (Zamora) e nos já mais distantes de Palomas II (Cádiz) Posada de los Buitres (Badajoz) e Abrigo Grande de las Viñas (Badajoz), abrigos onde estão presentes tal como na Lapa e além de outros temas — figuras humanas esquemáticas ictifálicas ou não, figuras subrectangulares e ovais, ambos estes motivos segmentados interiormente, e linhas sinuosas. PILAR ACOSTA, *La Pintura Rupestre Esquemática en España*, (Mem. do Sem. de Prehist. y Arq., 1), Salamanca, 1968, pp. 25-4 e ainda 105, 117, 118, 120, 122 e 129.

(33) António M. BAPTISTA, *A. Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*, Monog. Arq., n.º 1, GEAP, Porto, 1984.

(34) Op. cit. nota 17.

(35) Op. cit. nota 17.

(36) German DELIBES DE CASTRO, *La Prehistoria del Valle del Duero*, cap. III — El Calcolítico, *Prehistoria de Castilla y Leon*, vol. I, Ed. Ambito S.A., Valladolid, 1985, pág. 34.

(37) Op. cit. nota 9.

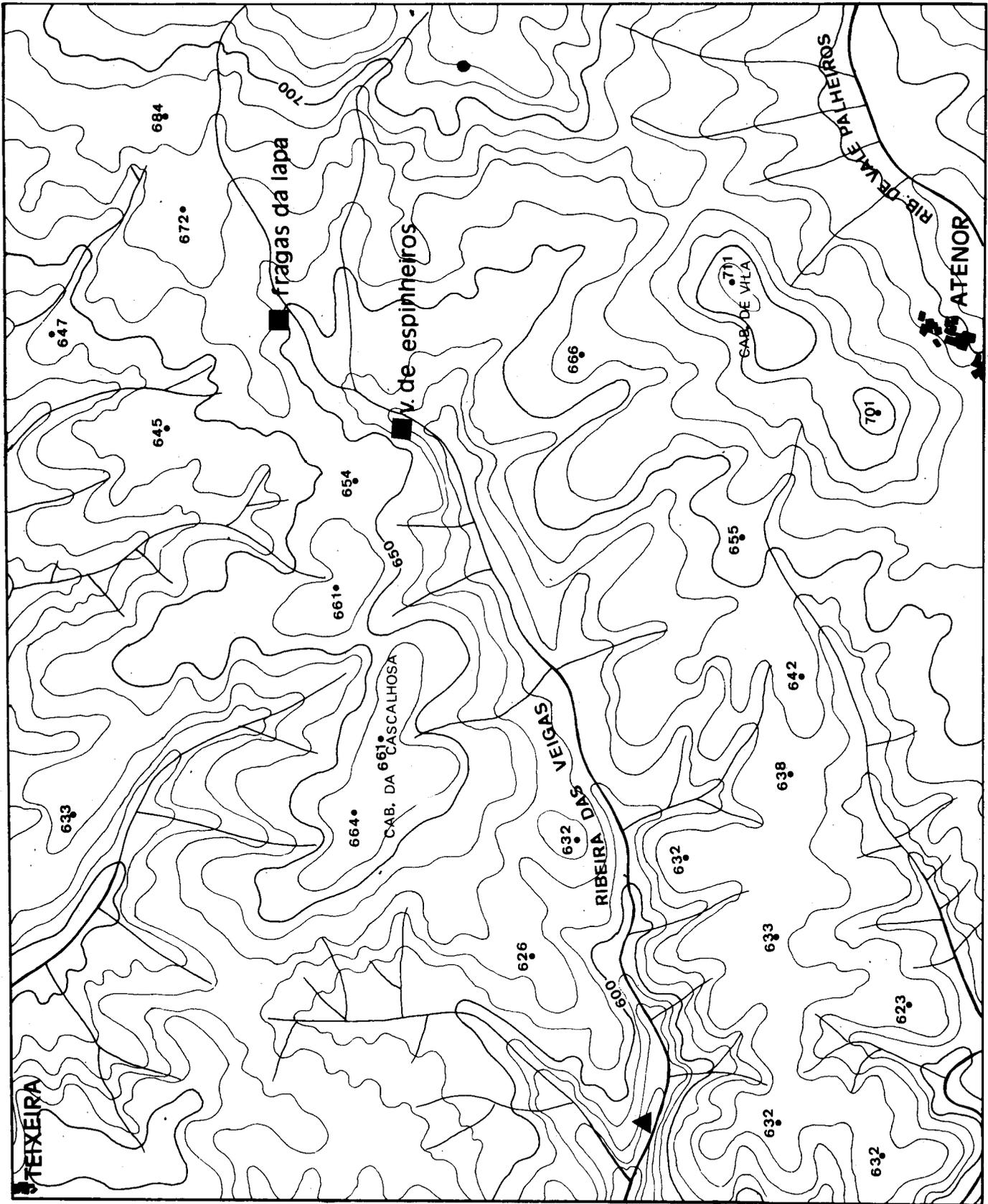
Sendo assim, as cronologias apontadas atrás marcarão, antes de tudo, os extremos limite em que se teria desenrolado a gravação deste abrigo, sabido que é por um lado que os fenómenos culturais do interior de Trás-os-Montes e do NW da Meseta não têm a mesma expressão cronológica daqueles das regiões mais litorais ou mais ligadas ao litoral («retardando-se» aqui, por assim por dizer, as inovações), e, por outro, que uma mesma gramática decorativa, ou alguns dos seus motivos, pode perdurar por muito tempo ora com o mesmo ou similar significado, ora com um significado ou simbologia diferente.

À segunda fase de gravação pertence o cruciforme do painel 1 e a figura humana subnaturalista do painel 2.

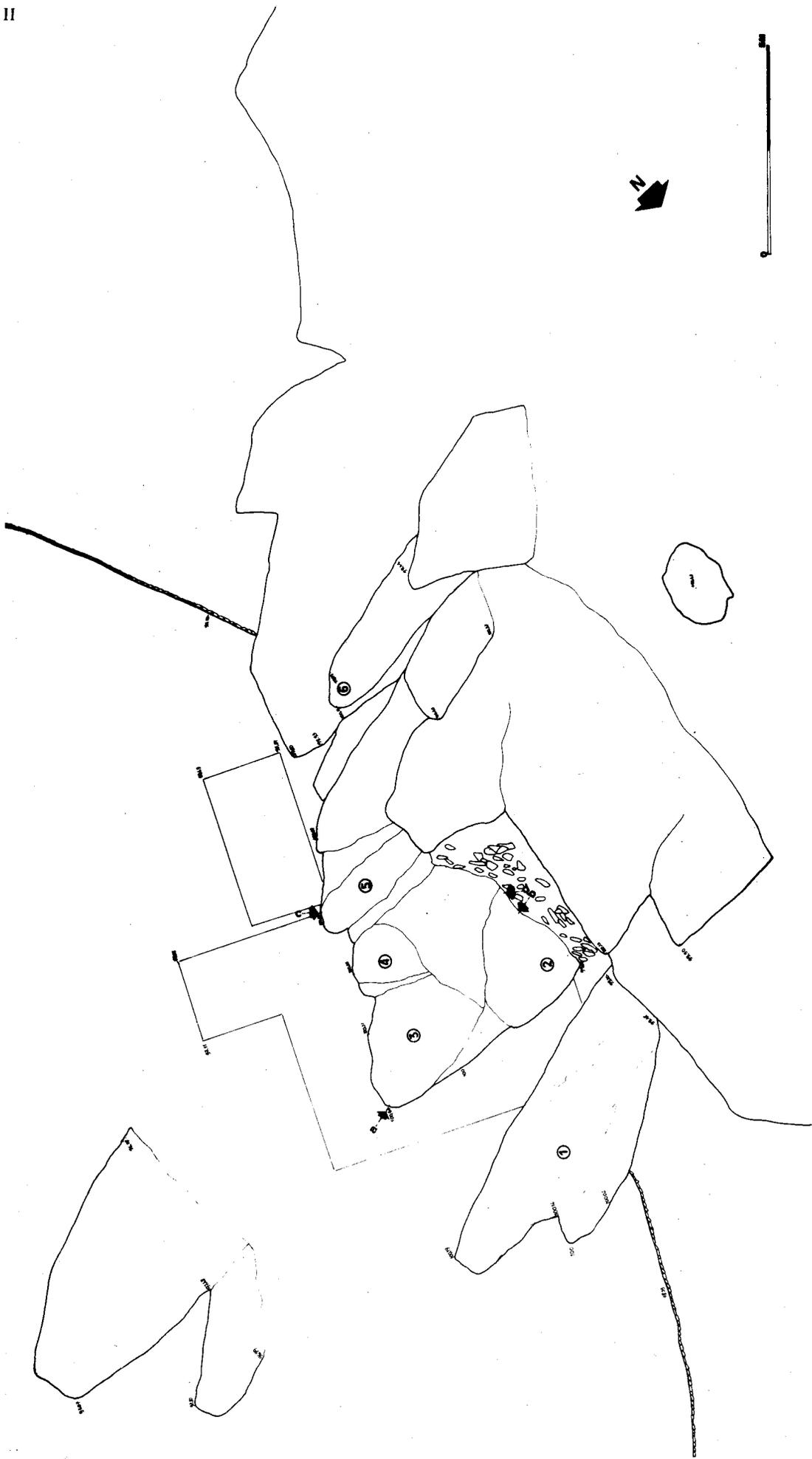
O pequeno cruciforme é tema corrente nas estações de arte rupestre de ar livre transmontanas, mas a figura humana é absolutamente única na arte rupestre peninsular. E, embora saibamos que na Rocha F-155 do Tejo a tradição de gravação ou segmentação do interior do corpo está presente nos motivos mais antigos (Fase 1 — «pré-megalítica» seg. A. M. Baptista) que são aqui cervídeos e um equídeo (todos em estilo subnaturalista), o mesmo não se verifica nas figuras humanas mesmo quando subnaturalisticamente desenhadas.⁽³⁸⁾

Porto, Janeiro de 1986

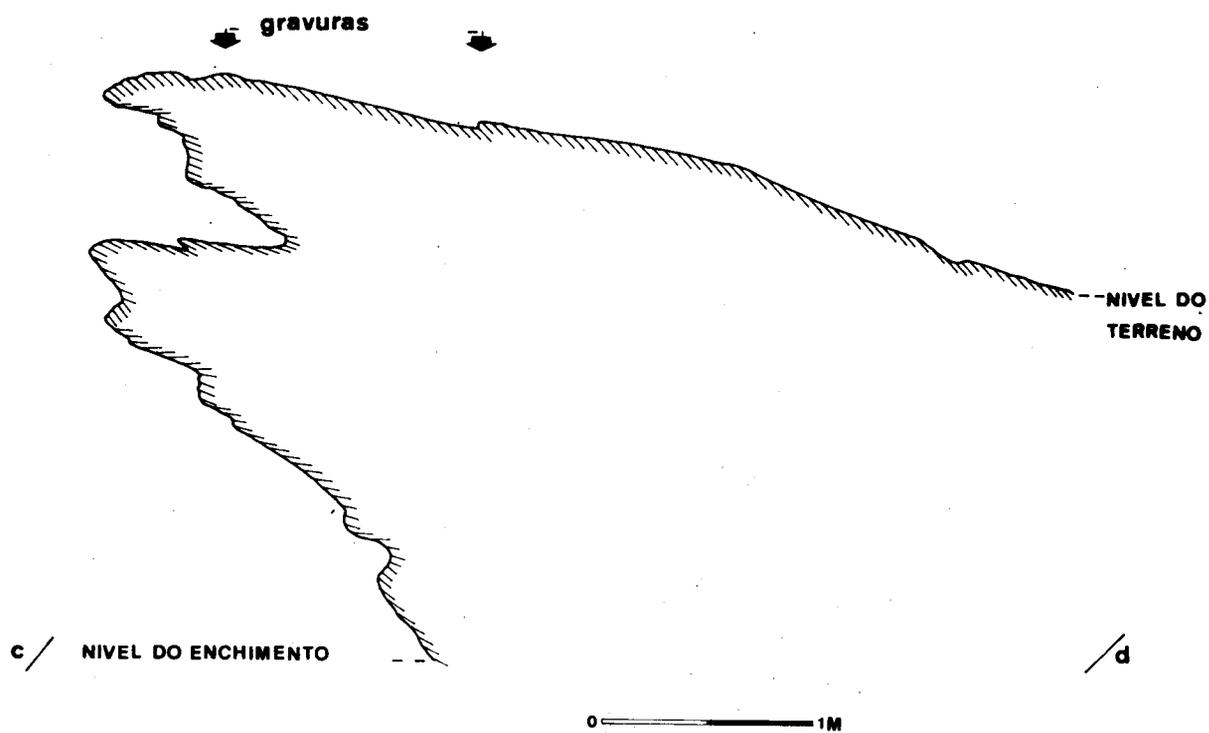
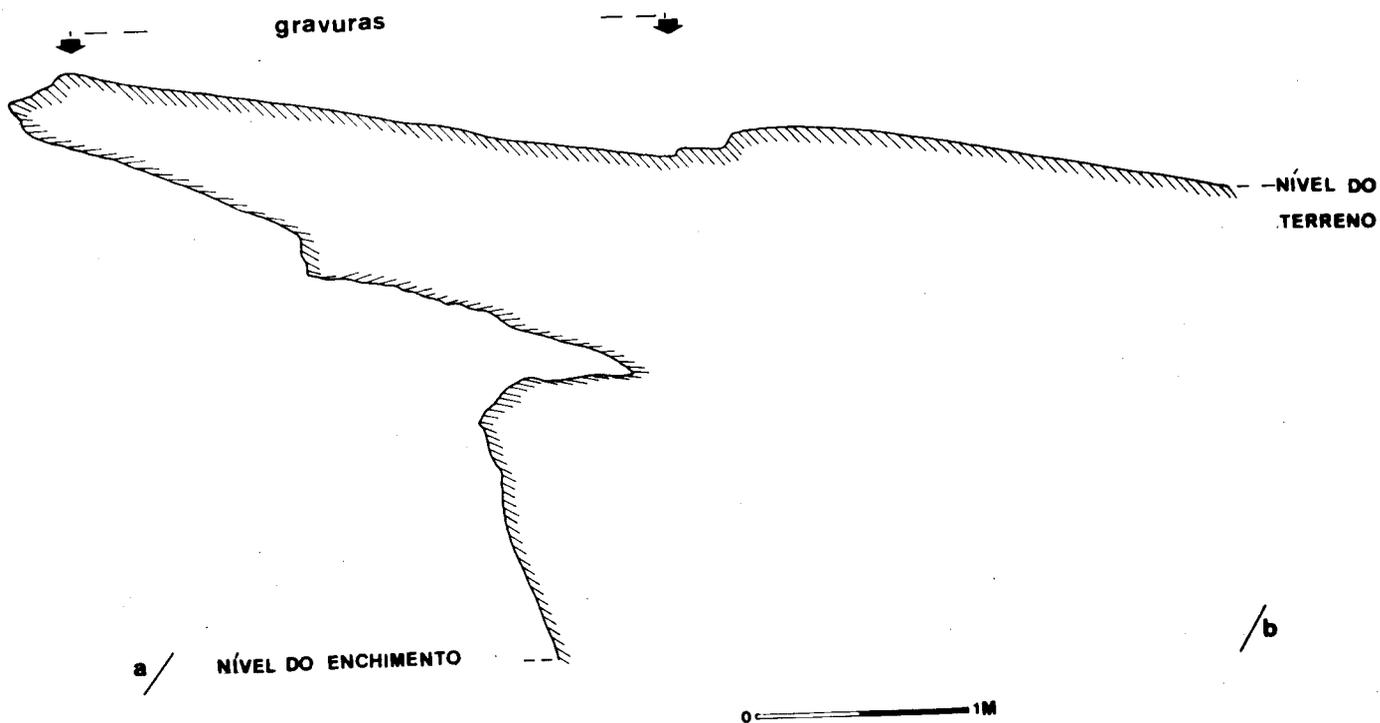
⁽³⁸⁾ Op. cit. nota 32

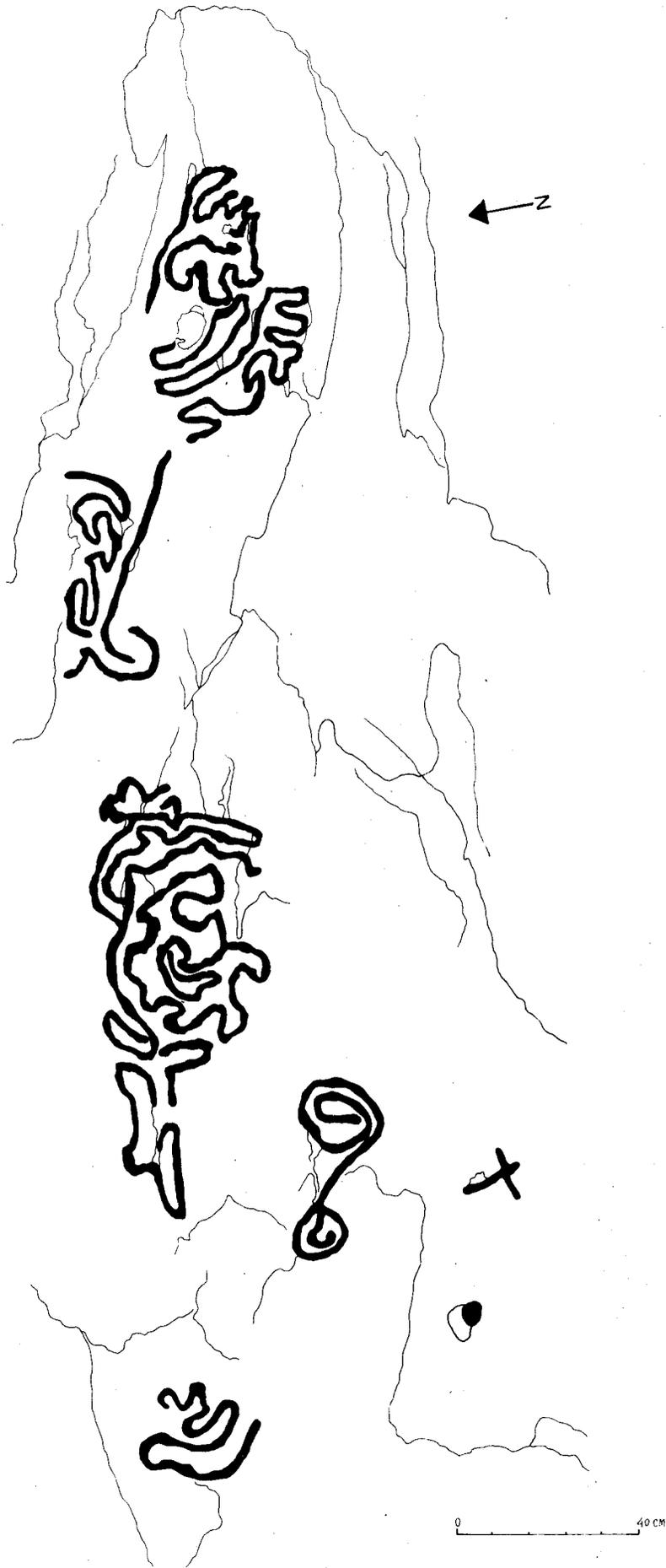


Est. I — Localização do abrigo das Fragas da Lapa, dos abrigos de vale de Espinheiros e dos das Aguçadeiras. Estes últimos são indicados pelo sinal triangular.

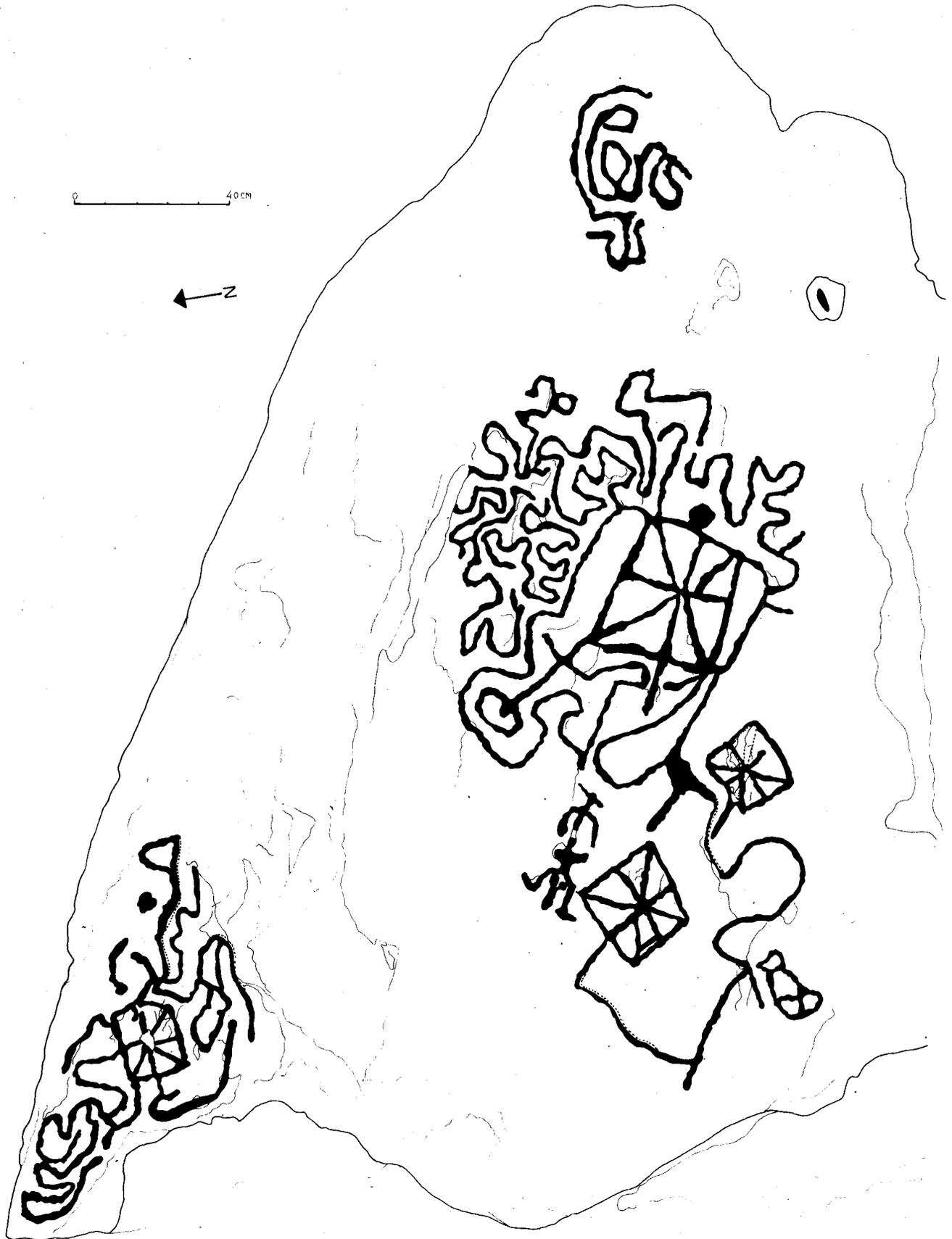


Est. II — Planta das Fragas da Lapa à escala de 1:50 (executada pelo topógrafo da Câmara Municipal, A. Marçal). Os painéis são numerados conforme são referidos no texto. Esta marcado também o contorno da escavação feita sob o abrigo.

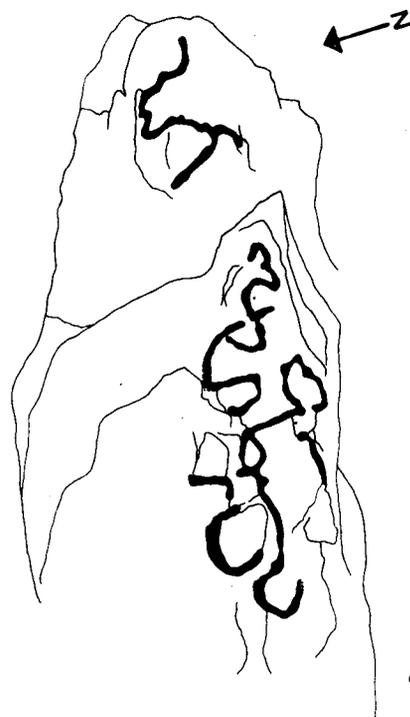
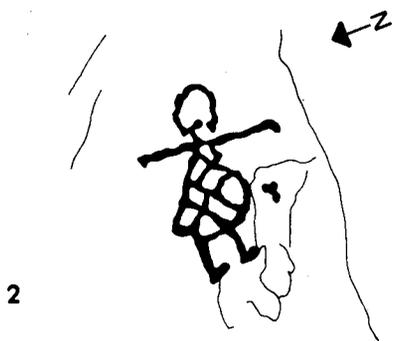
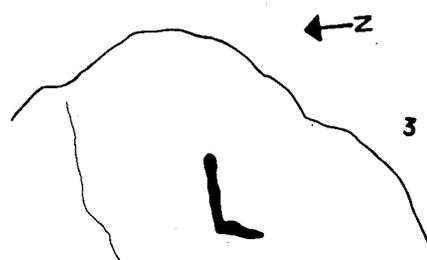
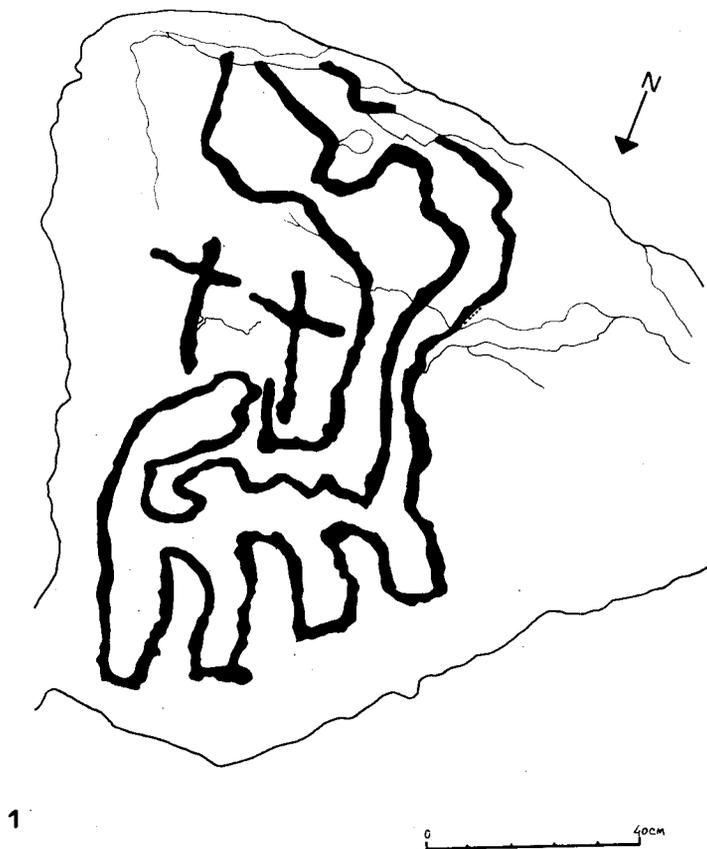




Fragas da Lapa, painel 1.

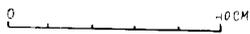


Fragas da Lapa, painel 3.

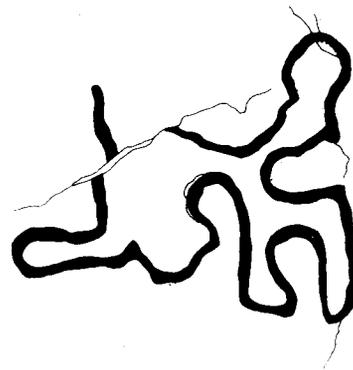


1) Fragas da Lapa, painel 4 (notar os cruciformes perfeitamente inseridos no espaço criado pelas linhas onduladas); 2) Fragas da Lapa, painel 2; 3) Fragas da Lapa, painel 6; 4) Fragas da Lapa, painel 5.

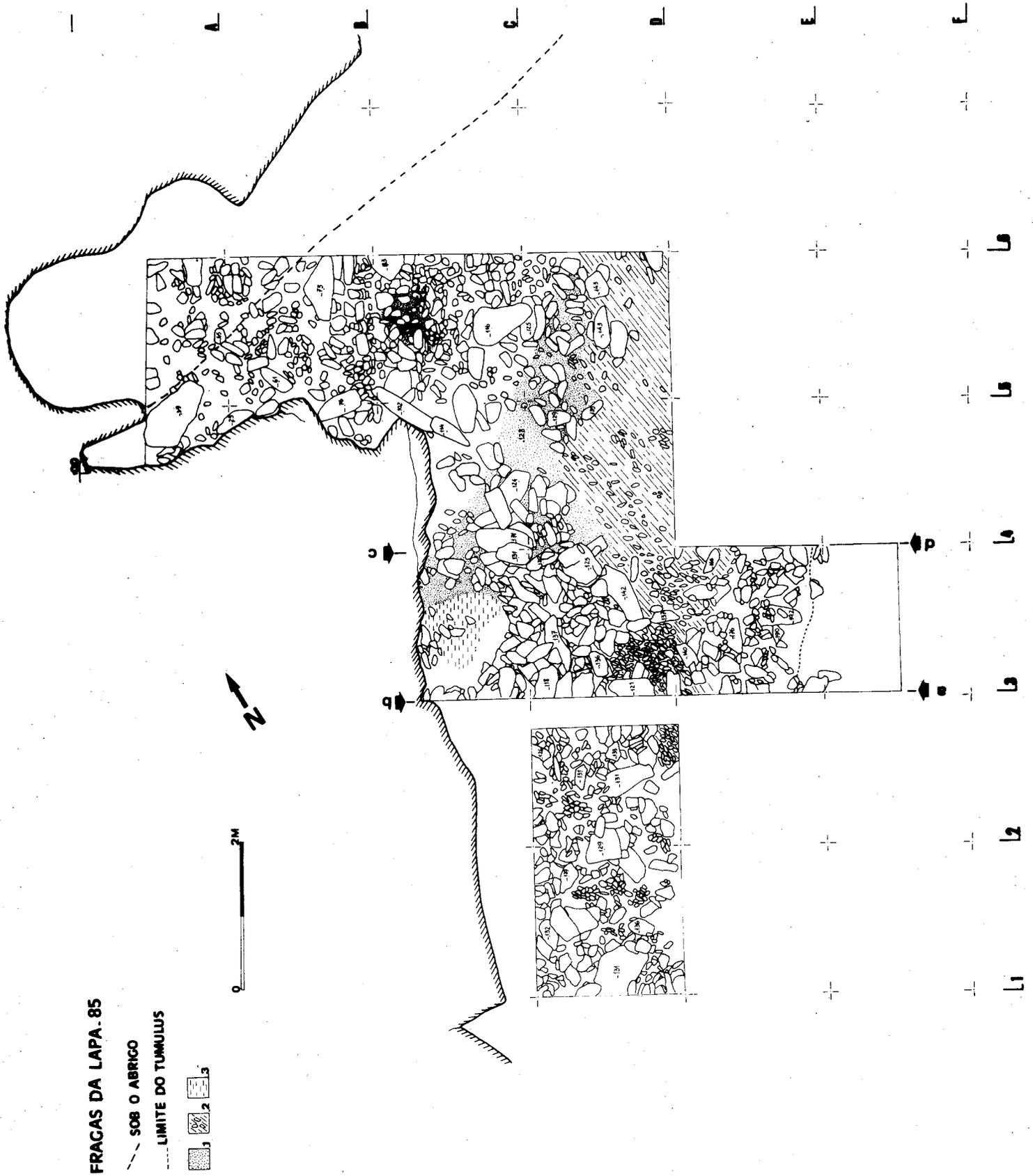
1



2



1) Vale de Espinheiros, abrigo 3; 2) Vale de Espinheiros, abrigo 4.



Planta geral da escavação da plataforma subjacente ao abrigo das Fragas da Lapa. 1) Terra queimada com alguns carvões muito fragmentados; 2) Terra argilosa com cascalho, muito compacta; 3) Área violada; E.C. — Estrutura de combustão

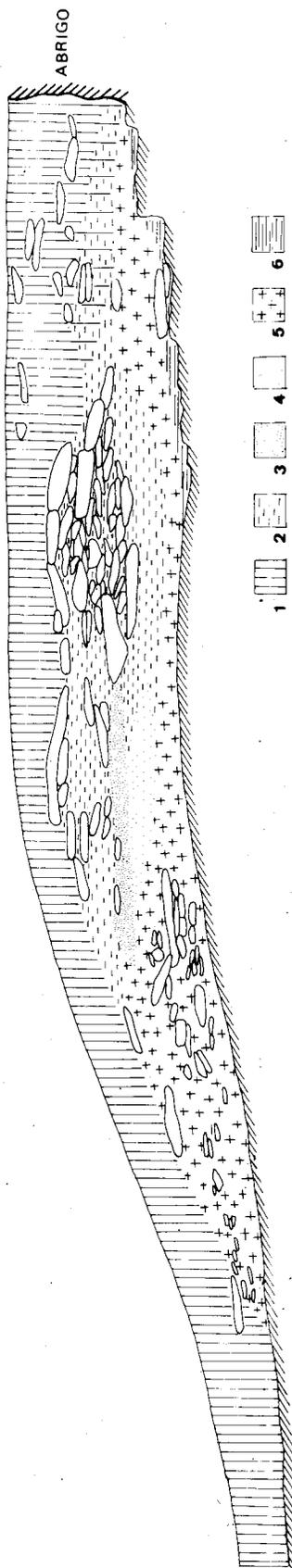
a-
+E3

+E3

+E3

+E3

+b



0 ————— 1M

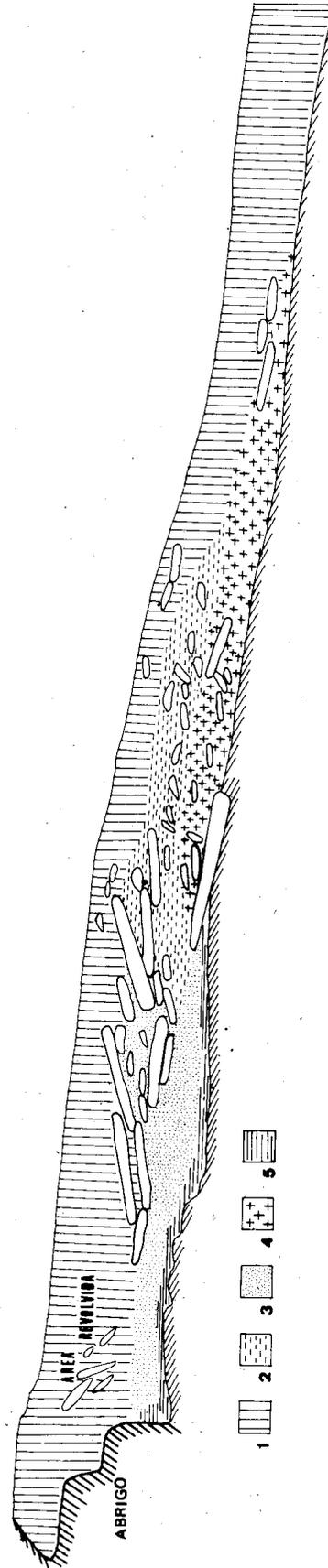
c-
+E3

+E3

+E3

+E3

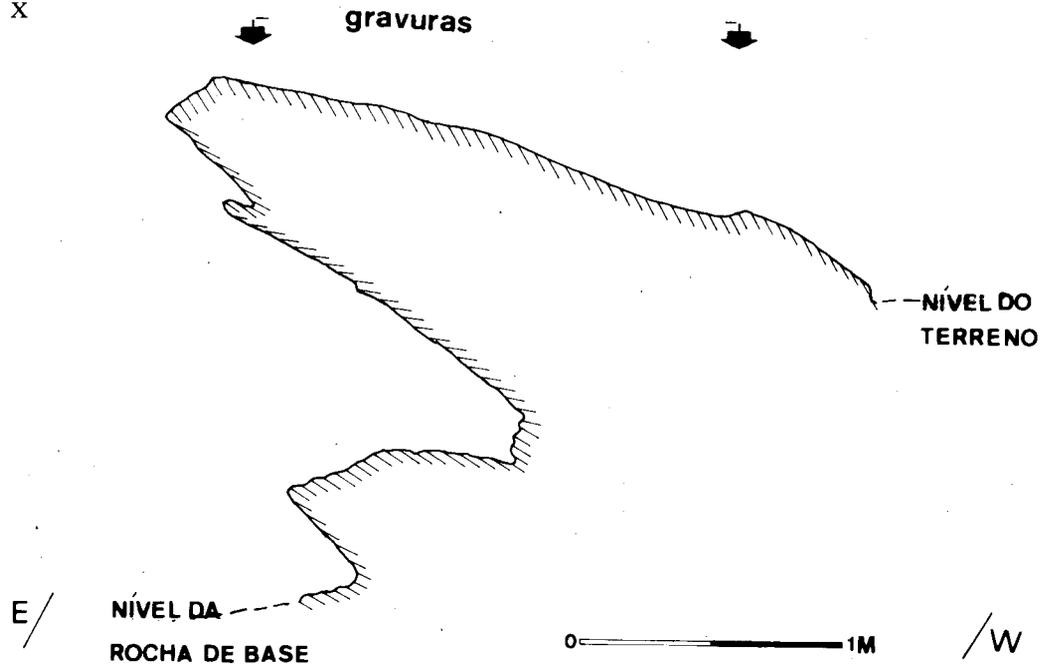
+d



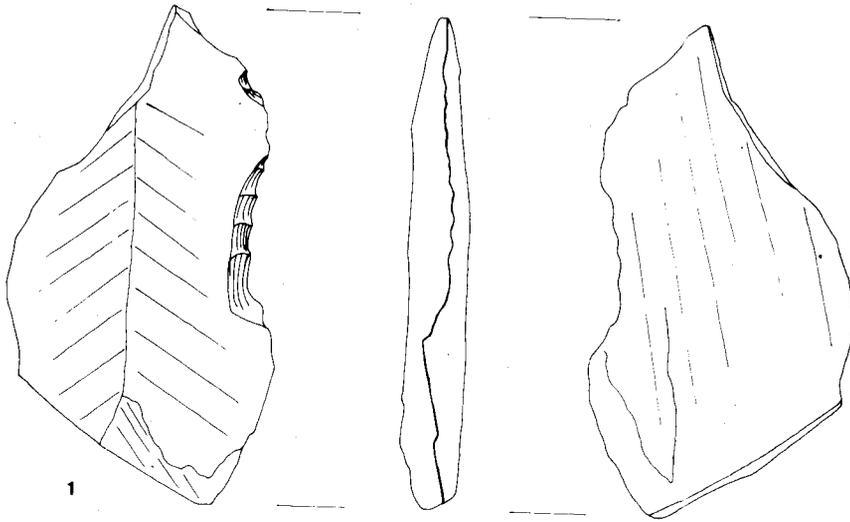
0 ————— 1M

Est. IX — 1. Fragas da Lapa, corte estratigráfico a-b. — 1) terra humosa; 2) terra argilosa castanho esbranquiçada; 3) terra queimada, argilosa; 4) terra argilosa, castanha clara; 5) terra argilosa, castanho escuro, misturada com cascalho e muito compacta; 6) terra resultante da alteração da rocha de base.
2. Fragas da Lapa, corte estratigráfico c-d. — 1) terra humosa; 2) terra argilosa castanho esbranquiçada; 3) terra queimada, argilosa; 4) terra argilosa, castanho escuro, misturada com cascalho e muito compacta; 5) terra resultante da alteração da rocha de base.

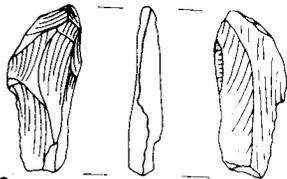
Est. X



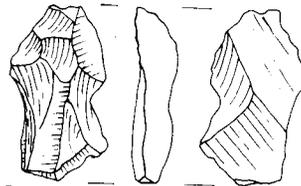
1



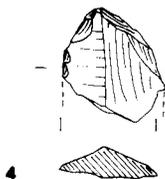
1



2



3

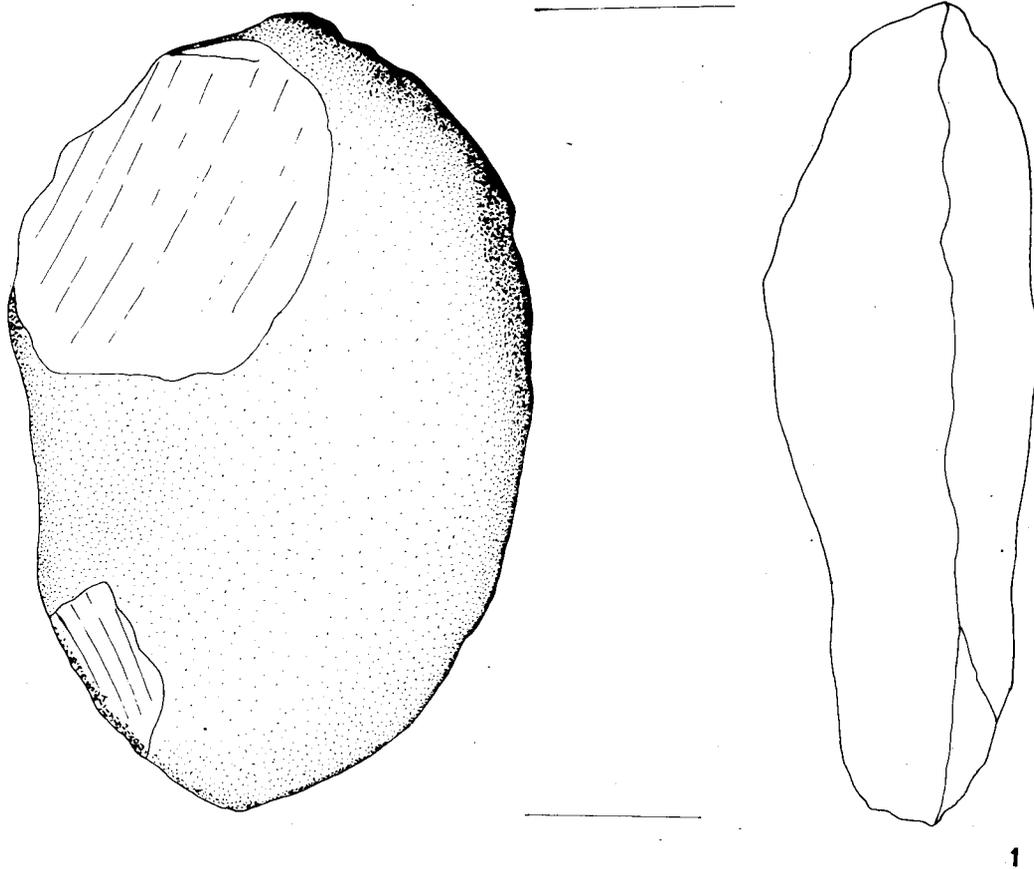


4

0 ————— 5CM

2

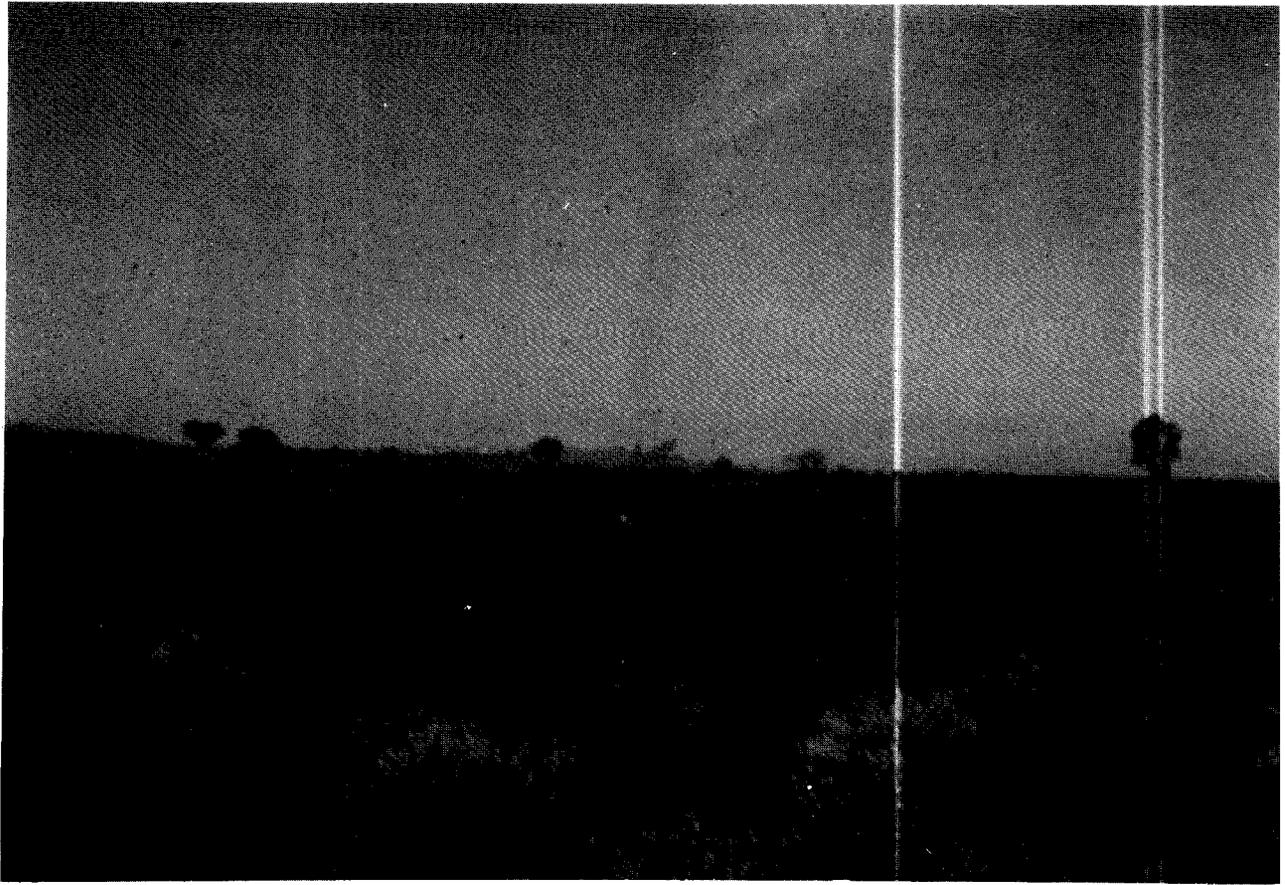
1) Vale de Espinheiros, perfil E-W do abrigo 3; 2) Espólio arqueológico exumado na escavação do abrigo da Lapa.



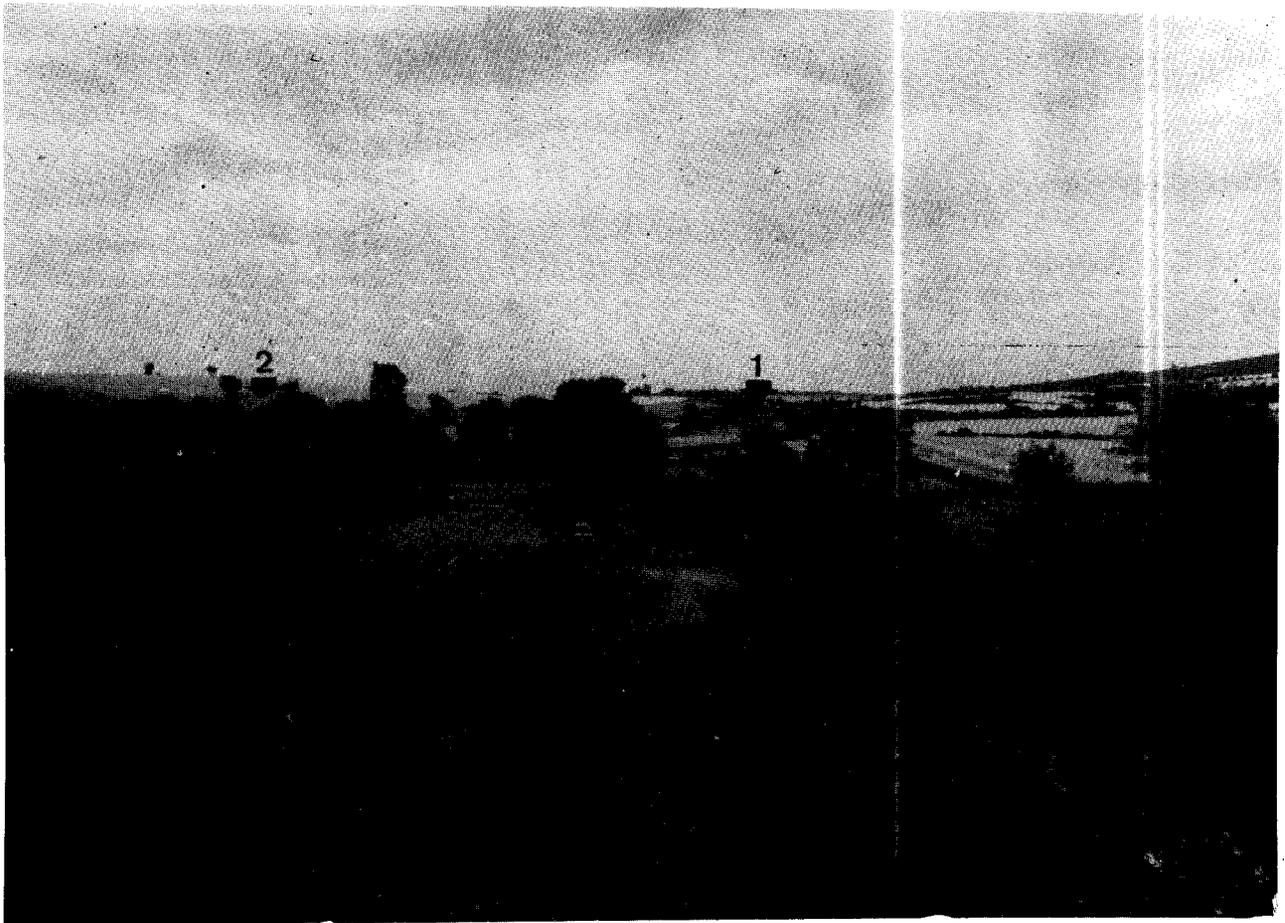
0 5cm



1. Percutor de quartzo, com marcas de utilização, do abrigo das Fragas da Lapa.
2. Localização do abrigo das Fragas da Lapa na encosta suave do monte planáltico.



1



2

1 Abrigo das Fragas da Lapa visto da Nascente.
2 — 1. Fragas da Lapa; 2. Vale de Espinheiros.



1

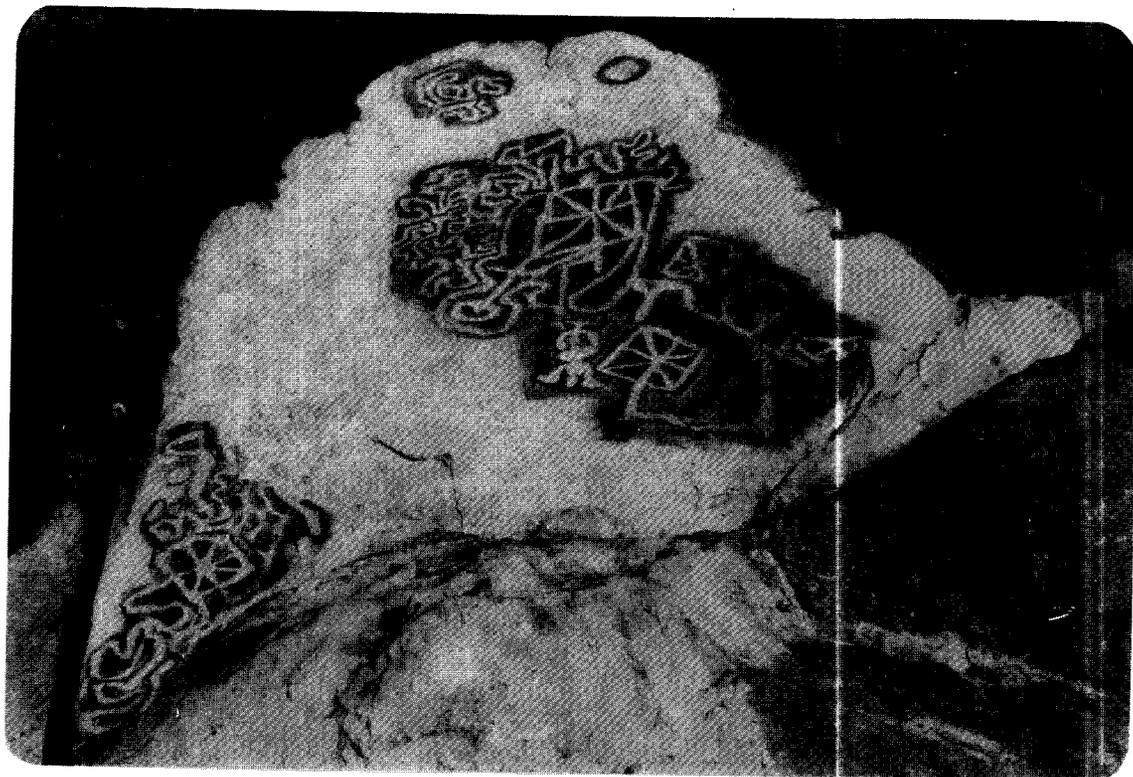


2

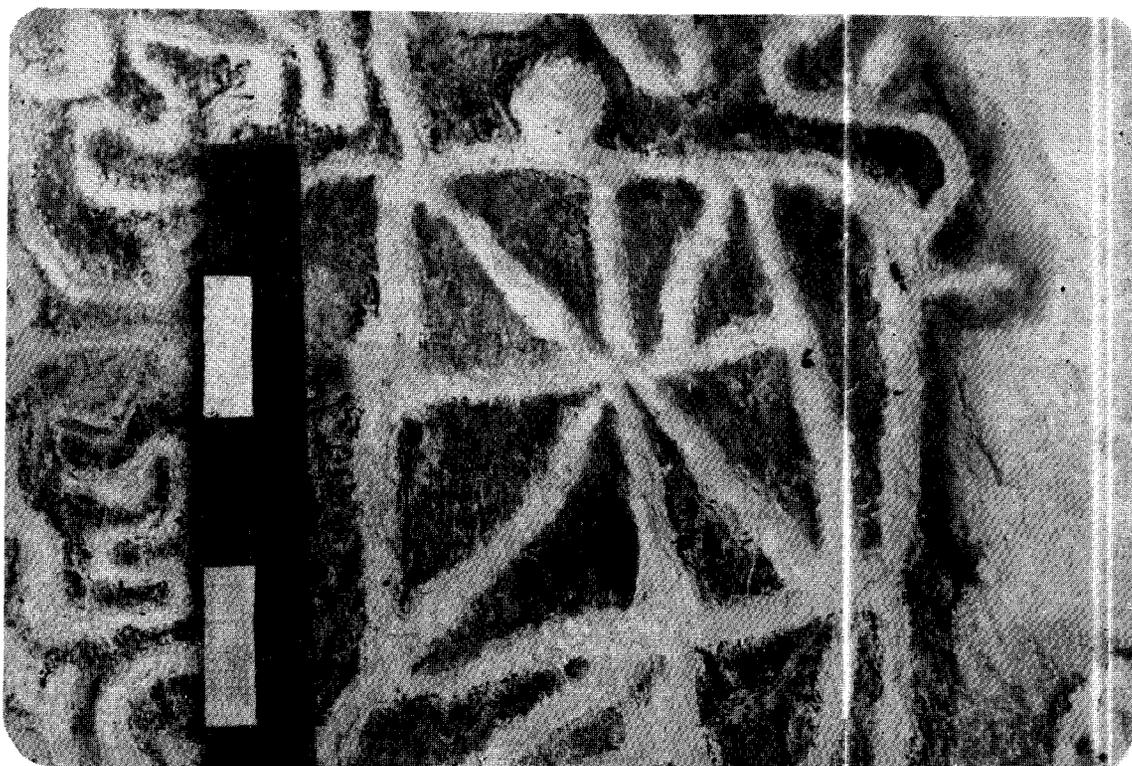


3

1. Vale de Espinheiros. São indicados os abrigos n.ºs 3 e 4.
2. Fragas da Lapa, painel 1.
3. Fragas da Lapa, pormenor do painel 1.



1



2

1. Fragas da Lapa, painel 3.
2. Do mesmo painel anterior, um pormenor da grande figura subquadrangular.



1



2

1. Fragas da Lapa, painel 4.

2. Um aspecto da escavação da plataforma subjacente ao abrigo das Fragas da Lapa. Foto tirada do topo do abrigo.